

P7 RELATÓRIO CONCLUSIVO

CAMPO LIMPO

CARTOGRAFIA DAS TERRITORIALIDADES CULTURAIS

P7 RELATÓRIO CONCLUSIVO

REVISÃO 1

04-12-2017



ÍNDICE

3

INTRODUÇÃO

7

MEMÓRIA

7 projeto e montagem da exposição

10

PRODUTOS

10 totem
14 mesa
30 plano de trabalho
32 constelações
34 redes
36 tipos
38 grid
42 cenários futuros

44

REFLEXÕES

52

PARECERES E RECOMENDAÇÕES

52 pontos de atenção
53 acessibilidade e atração
55 porosidade e permeabilidade
60 mediação e continuidade
64 metaterritorialidade
66 multiplicidade e simultaneidade
68 fertilização cruzada

70

FECHAMENTO COMO PONTO /PONTE DE PARTIDA

70 pretensão inicial: duas linhas de deriva
71 conteúdo técnico — mão e expressão semiótica — boca.
71 matéria-prima: cruzar
71 figuras
72 tradução
72 terreiro

74

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

69

EQUIPE ESCOLA DA CIDADE

INTRODUÇÃO

O presente relatório corresponde à etapa RELATÓRIOS CONCLUSIVOS (item I.A.VII) dos Serviços de Pesquisa – Intervenção Educativa do contrato Elaboração de Projeto Arquitetônico da Unidade do Sesc Campo Limpo (contrato Nº 12.511), firmado entre a Associação Escola da Cidade – Arquitetura e Urbanismo e o Serviço Social do Comércio (Sesc).

Esta última etapa do trabalho, com seus produtos, resultados e conclusões relatados neste documento, teve como objetivo i) descrever a forma e o conteúdo da exposição, ii) refletir criticamente a atividade participativa e iii) traduzir em uma espécie de metalinguagem¹ leituras, argumentos e posições que surgiram ao longo de todo processo de estudo sobre o território (porções dos distritos do Campo Limpo, Capão Redondo e Jardim São Luís) e suas territorialidades culturais tipificadas, como aquelas que funcionam de modo mais estável e, em tese, paradigmático.

A matéria prima fundamental para a reflexão e elaboração de síntese crítica que pudesse alimentar e provocar, programática e conceitualmente, o projeto da nova unidade Sesc do Campo Limpo adviria, como previsto desde a concepção inicial desta pesquisa, do cruzamento de pontos de vista técnico dos pesquisadores, desde sua abordagem urbanística, antropológica e arquitetônica da realidade do território em pauta, seu funcionamento e os modos de vidas que o permeiam e modificam continuamente, e aquele prático-político-sensível dos moradores e produtores culturais, resultante sempre renovada da percepção e resistência direta, cotidianamente experimentada desta realidade.

Em função da importância que, ao longo do processo de trabalho de pesquisa, assumiu tal entrecruzamento (cross-fertilization), a etapa anterior SEMINÁRIOS ESPECÍFICOS foi ampliada com a finalidade de se criar uma plataforma de comunicação mais direta, mediante a produção de uma exposição do material sistematizado produzido em todas as etapas. Esta exposição instalada na sede da unidade Campo Limpo, previa, de modo complementar, a realização de quatro oficinas (aos Sábado do mês de setembro de 2017), quando poderiam ser debatidos os temas correspondentes aos módulos:

3 Tendo como perspectiva Deleuze e Guattari (1987), o “devir-cidade” está relacionado a potência do que está em vias de tornar-se, e através do qual se torna, “o processo do desejo”. O devir passa por mudança de código, descodificação e recodificação (SALES, 2007).

4 “Uma instituição brasileira privada, mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, com atuação em todo âmbito nacional, voltada prioritariamente para o bem-estar social dos seus empregados e familiares, porém aberto à comunidade em geral. Atua nas áreas da Educação, Saúde, Lazer, Cultura e Assistência. E que, notadamente em São Paulo, assumiu grande protagonismo na área de programação/realização de eventos musicais e teatrais”

5 “Compossível
1. que pode coexistir ou conciliar-se, ao mesmo tempo, com outro; compatível
1.1. fil que, segundo Leibniz(1646 - 1716), é passível de coexistir de maneira integrada no mundo real como um conjunto de possibilidades concretas e realizadas, em contraste à justaposição de possibilidades imagináveis, porém incompatíveis na realidade objetiva” (<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#4>)

— **CONSTELAÇÕES:** contexto e territorialidades - 09/setembro
— **REDES:** circuitos e fluxos - 16/setembro
— **TIPOS e GRID:** categorias paradigmáticas - 23/setembro
— **NOVOS CENÁRIOS:** impactos sob o efeito de projetos públicos e projeto da nova unidade - 30/setembro

E é sobre a linha que articula e faz cruzar – em perspectiva técnica e político-sensível – os conteúdos e formas de expressão de cada um destes módulos onde uma reflexão crítica deve ser construída, tendo em vista apontar ou, pelo menos, sugerir caminhos interpretativos e alternativas provocadoras ao projeto de arquitetura da nova unidade. Nesse sentido, não parece demasiado retomar o que se alertava já no Plano de Trabalho: tal provocação não pretende evocar nenhum sentido contextualista, ou caráter mimético, da cópia de modelos, da analogia tipológica ou da representação/reprodução de situações locais, mas sim, o de apontar linhas do mapa do “devir-cidade” do Sesc.

O que poderia parecer algo obscuro então, talvez possa ganhar contornos mais nítidos – e servir, uma vez mais, de orientação a esta reflexão – quando se remete o “devir-cidade” à possibilidade/potencialidade de propiciar novos encontros e usos coletivos que não preexistiam, próprios e originais ao programa tradicional do Sesc, mas que só nascem mesmo após serem postos em ato.

Daí poder-se perguntar em que sentido, medida e intensidade o projeto da nova unidade Campo Limpo disporá condições/configurações físicas e funcionais, espaciais e programáticas capazes de fazê-la abrir-se àquela potencialidade/possibilidade. Claro, sem deixar – evidentemente ou geneticamente – de ser Sesc⁴. Mas poderá ser isso admissível ou mesmo compossível⁵?

Antes, parece importante registrar os critérios do recorte do universo de pesquisa. A primeira observação diz respeito à suposta baixa representatividade social e econômica das denominadas territorialidades culturais – por causa, podem argumentar, do relativamente reduzido número de participantes dos eventos, como se a quantidade da amostra representasse por si só garantia de racionalidade ou rigor e verdade.

É fato que os territórios estudados apresentam índices de vulnerabilidade social extremamente elevados, tanto em termos absolutos quanto relativos à cidade de São Paulo. Nos relatórios da pesquisa, constam cartas temáticas que mostram a elevada proporção de áreas faveladas ou de urbanização precária (designadas ou não pelo PDE 2014 como Zonas Especiais de Interesse Social — ZEIS⁶).



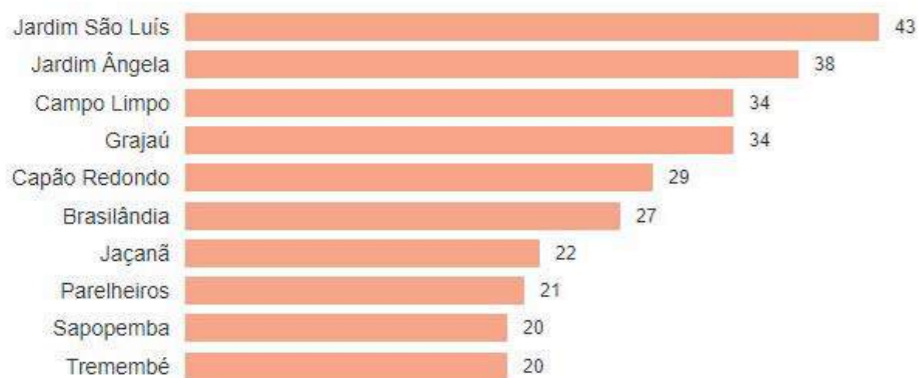
figura 1
Esquema infográfico de idade média de morte e homicídio de jovens de 15 a 29 anos.
Fonte: Folha de São Paulo, 25/out/2017



figura 2
Esquema infográfico de incidência de espaços culturais e de favelas.
Fonte: Folha de São Paulo, 25/out/2017

OS 10 PIORES DISTRITOS

Número de mortes



Fontes: Secretaria da Segurança Pública de SP, UNODC e Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016

figura 3
Esquema gráfico indicador de violência urbana nos distritos.
Fonte: Mapa da Morte - Folha de São Paulo, 12/10/2017

6 “As Zonas Especiais de Interesse Social são porções do território destinadas, predominantemente, à moradia digna para a população de baixa renda por intermédio de melhorias urbanísticas, recuperação ambiental e regularização fundiária de assentamentos precários e irregulares, bem como à provisão de novas Habitações de Interesse Social - HIS e Habitações de Mercado Popular - HMP a serem dotadas de equipamentos sociais, infraestruturas, áreas verdes, comércios e serviços locais, situadas na zona urbana. (<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/zona-especial-de-interesse-social-zeis/>)

7 Psicóloga social Anna Turriani, autora dos Cadernos: Cartografia da Memória https://issuu.com/anitaprades/docs/af_completo_cartografia_issuu

Talvez tenha faltado dizer (ou mostrar), mesmo com a supervisão da psicóloga social Anna Turriani⁷ ainda que no começo da pesquisa, que os distritos de Campo Limpo e Capão Redondo são os dois onde as moradias em favelas constituem 1/3 do total de moradias, justamente nos distritos mais populosos da cidade⁸. E, também, tenha faltado correlacionar mais explicitamente essa informação aos dados relativos à formação escolar da população moradora, à renda média mensal por domicílio (80% do total de domicílios têm renda mensal inferior a 5 S.M.), ao baixo valor das propriedades imobiliárias e ao índice de violência do município de São Paulo (Figura 1 e 3). Mas este é um padrão já devidamente estudado e conhecido (bastaria ver a recente reportagem do jornal Folha de São Paulo, 23/10/2017, cujos elementos infográficos se reproduzem aqui). Diante deste padrão socioeconômico cabe às políticas públicas buscar enfrentar as dívidas historicamente acumuladas.

Seja como for, o foco da pesquisa sobre os grupos comunitários coletivos – e seus modo de povoar criativamente o tempo, isso é, as territorialidades culturais – buscou captar, não sua extensão, mas a intensidade das forças e das vozes locais de expressão cultural e de resistência/reivindicação política supostamente mais capazes de enxertarem (fertilizarem) e serem enxertadas (fertilizadas reciprocamente) pelo Sesc Campo Limpo.

Desse modo o presente relatório se organiza em quatro seções, segundo os seguintes objetivos e sequência:

1. **Memória:** Prevê um histórico das etapas de desenho/formulação da exposição, contando com escolhas tomadas durante o processo, e relato deste nos momentos de concepção e obra.



figura 4
Nuvem de verbos em oposição. Fonte: Exposição Cartografia das Territorialidades Culturais. São Paulo, 2017

—— **2. Ideias:** Discussão sobre o conteúdo produzido para a exposição a partir do contato com o público em geral durante o momento de monitoria (suas demandas e questões), emprego de correções sobre o material e colocações sobre algumas informações que foram enfatizadas durante as monitorias e oficinas.

—— **3. Reflexão:** Aponta para as questões levantadas em contato com o público durante as oficinas e períodos de monitoria a partir de suas relações com o território, o Sesc e o conteúdo da exposição. Traz um olhar crítico sobre todo o material produzido na pesquisa com perguntas e reflexões feitas “no deque”.

—— **4. Pontos de atenção:** Como a pesquisa se desdobra em questões conceituais e programáticas do projeto? Como responder/comunicar-se com a pauta programática e diretrizes técnicas do projeto arquitetônico?

Para fechar esta introdução, talvez seja interessante trazer graficamente a série (obviamente não exaustiva e tampouco definitiva) de oposições — expressa em verbos no infinitivo — que busca prefigurar os cenários e impactos que o funcionamento da nova unidade pode engendrar em sua região (Figura 4). É em relação a eles que, em última instância, as decisões projetuais deverão medir-se.

8 16% do total de moradias em favelas na cidade de São Paulo, (que equivale a 62.052 unidades) estão localizadas na prefeitura regional do Campo Limpo (que inclui Campo Limpo, Capão Redondo e Vila Andrade). A prefeitura regional de M'Boi Mirim que inclui Jardim S. Luís (mas também Jardim Ângela) responde por 10% do total municipal de moradia em favela.

MEMÓRIA

projeto e montagem da exposição

A exposição “Cartografias das Territorialidades Culturais”, em cartaz de 02 de setembro a 26 de novembro de 2017 no Sesc Campo Limpo, foi desenhada pela equipe da Escola da Cidade e montada pela equipe da Marcenaria Castelo – processo que teve duração de três semanas, entre 13 e 31 de agosto de 2017.

Inicialmente foi definido um contêiner (o da antiga loja da unidade do Sesc) como espaço para a exposição, sua materialidade foi determinante nas decisões do projeto expográfico, que se aproveitou do largo comprimento da estrutura existente e dos perfilados metálicos para estruturar os painéis modulares – poliestireno (PS), impressão em vinil adesivo. Ao fundo cinco painéis com dimensões de 2,00x1,00m cada, com quatro etapas da pesquisa: CONSTELAÇÕES, REDE, TIPO e GRID – esta última dividida em 2 painéis expositivos – nas laterais do contêiner, foram colocados dois painéis de 1,40x1,00m com o conteúdo do plano de trabalho e cenários futuros, a esquerda e a direita respectivamente.

Pensou-se em um percurso dentro do espaço do contêiner que organizasse a leitura do conteúdo, a ser realizada da esquerda para a direita, considerando a rampa de entrada como norte. Um elemento horizontal (duas mesas 2,00x0,45x0,90m cada) e outro vertical (totem de chamada) fizeram-se necessários para servir de suporte para dados e mapas que introduziram os visitantes à área estudada e às questões político-sociais da região e direcionaram o fluxo dos visitantes.

Outro elemento de projeto construído para o espaço expositivo foi o deque de madeira, em frente ao contêiner, executado em madeira autoclavada com acabamento em verniz marítimo. O deque cria um espaço de chegada e estar, com bancos em madeira nas laterais, dois vasos de ensetes (ou falsas-bananeiras) e acesso pelo nível da rua interna através de lances de escada e a rampa do calçadão existente. Pensado para incorporar as oficinas em formato de bate-papos sobre a pesquisa, a estrutura não será desmontada e ficará para o uso do Sesc Campo Limpo.

Algumas sinalizações são importantes sobre as questões técnicas de montagem. Os painéis expositivos foram fixadas numa estrutura de madeira parafusada nos perfilados metálicos existentes do contêiner. Como elemento de fixação, a princípio, iria ser utilizada fita dupla-face de espuma (fita-banana), porém durante a montagem sugeriu-se a utilização de fitas de velcro adesivadas, por ser mais prática para a desmontagem da exposição e transportes futuros.

No entanto, as condições térmicas da exposição com o calor acumulado pelo metal do contêiner incidiram diretamente na integridade da montagem – os materiais sofreram diariamente uma visível dilatação e contração, causando deslocamento e até envergamento das placas de PS. A equipe de manutenção do Sesc foi fundamental para manter a exposição em ordem durante as semanas.

PRODUTOS

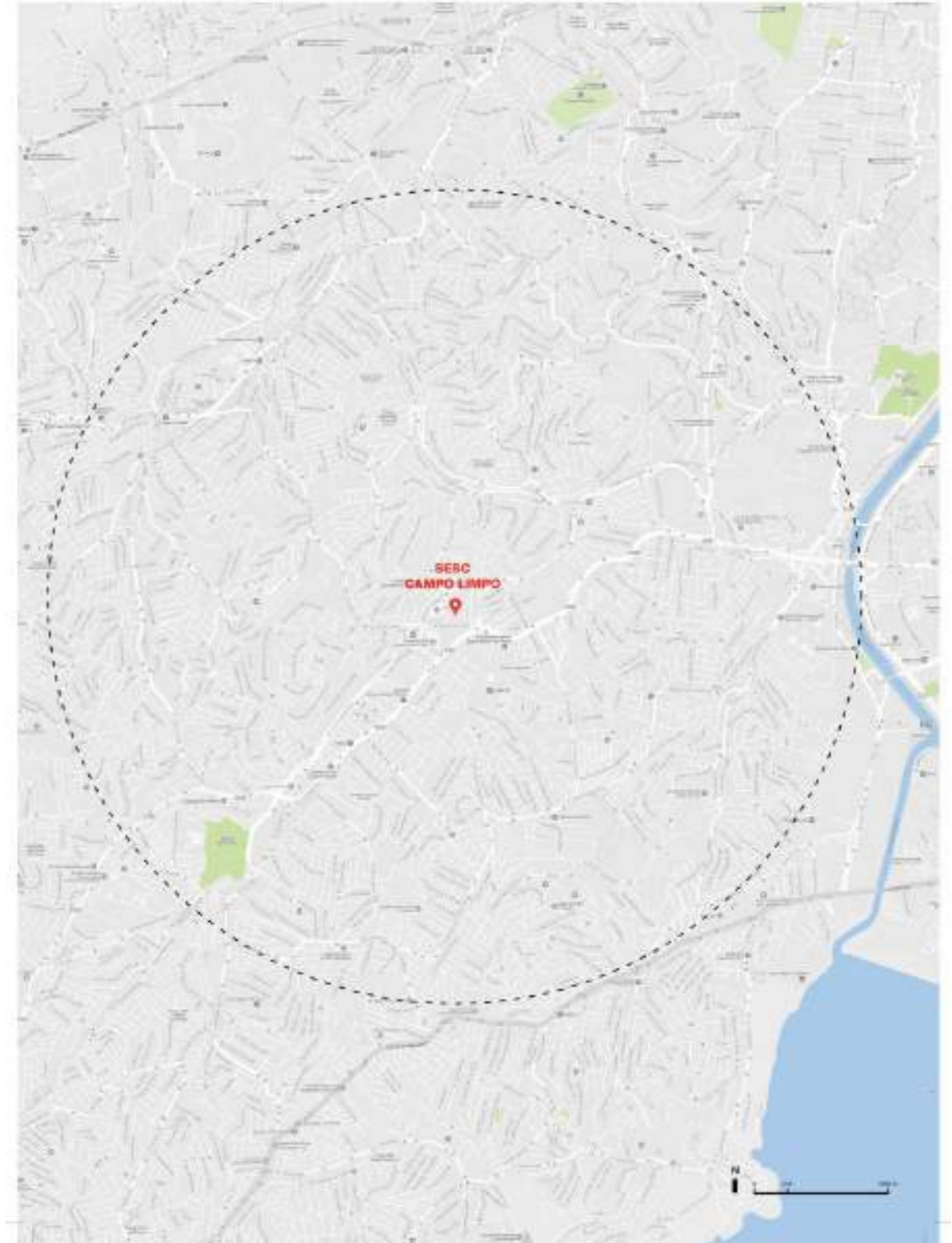
totem: interativo

O painel interativo permitiu que o visitante da exposição se localizasse no território e traçasse seu caminho até o Sesc Campo Limpo. A escolha de utilizar no mapa a simbologia do Google Maps foi proposital, uma vez que essa plataforma é amplamente utilizada e poderia ser de fácil compreensão do público. Em momentos específicos foram disponibilizadas canetas para que os visitantes fizessem o registro no painel de seus deslocamentos no território, de sua origem até o Sesc.

De maneira geral foi notado que os mapas foram os materiais que mais atraíram o público para a exposição, gerando curiosidade e desejo de se encontrar e se identificar naquele território. O mapa interativo teve um papel presente na atração do público justamente pela facilidade de leitura e reconhecimento para os visitantes. Em alguns momentos houve um questionamento de representatividade, em relação aos locais destacados no mapa, ao destaque dado a certos equipamentos e aos nomes das ruas estarem presentes ou ausentes.

COMO VOCÊ CHEGA ATÉ O SESC?

DESENHE NO MAPA SEU TRAJETO ATÉ O SESC



totem: área de estudo

O painel da área de estudo, junto com os mapas da mesa, apresentou materiais que visavam construir um retrato da área de estudo a partir de análises sobre suas principais características urbanas. A intenção foi compreender o território (e suas características sociais) em que os espaços e eventos de produção cultural se encontram inseridos e com os quais se relacionam diretamente.

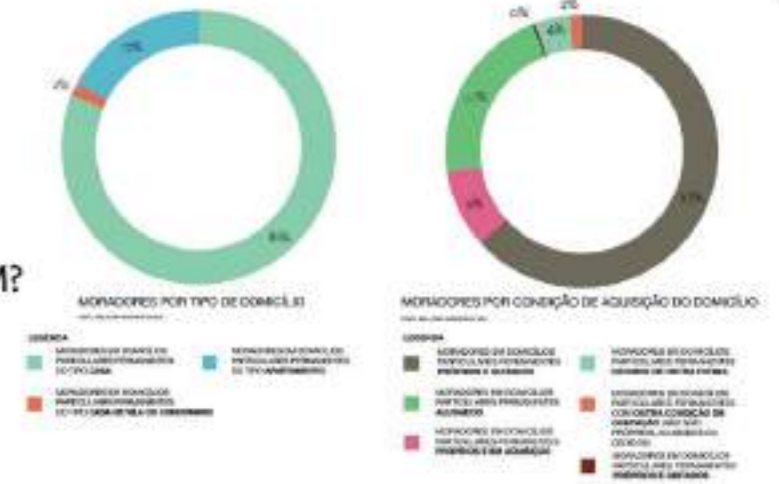
Para isso foram coletados dados socioeconômicos do censo de 2010 do IBGE e, a partir deles, produziram-se gráficos que representam a realidade local. No painel foram apresentados dados que relacionados aos diversos mapas geraram a leitura do espaço urbano da área de estudo. Esses dados foram analisados, sistematizados e apresentados permitindo construir hipóteses para o desenvolvimento das etapas posteriores da pesquisa.

Reconhecendo as alterações ocorridas nos seis anos desde a realização do CENSO IBGE 2010, as informações sobre o contexto socioeconômico das subprefeituras do Campo Limpo e M'Boi Mirim (relativo aos setores censitários abrangidos pelo círculo de raio de 3 km do campo de estudo), foram agrupadas e sistematizadas segundo duas grandes categorias: pessoas e domicílios.

No contexto da exposição, esse painel foi facilmente entendido pelos visitantes, a representação dos dados mostraram gráficos simples e habituais do cotidiano estatístico. Desta forma, após certo tempo, alguns visitantes apontaram alguns erros de produção, como a falta de legenda do gráfico de faixa etária por gênero e a legenda repetida no gráfico de condição de moradia que, em alguns momentos, dificultaram a interpretação desses gráficos.

CAMPOLIMPO CAPÃO REDONDO JDSÃO LUÍS

COMO MORAM?



CARACTERIZANDO O TERRITÓRIO

Os painéis desta exposição mostram algumas possibilidades de análise sobre o material coletado ao longo da pesquisa sobre as Territorialidades Culturais localizadas em áreas do Campo Limpo, do Capão e do Jardim São Luís. Há, obviamente, muitas outras possibilidades de cruzamentos de ideias e reflexões sobre este território.

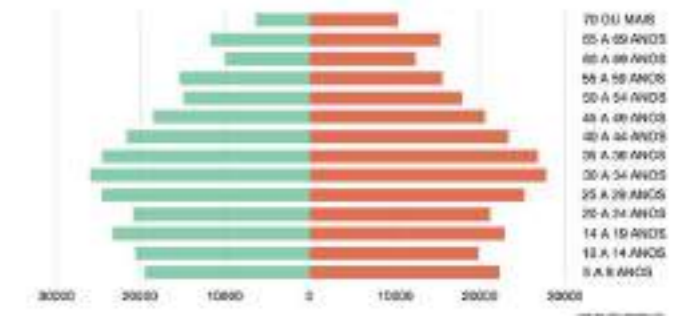
A mesa ao lado convida você a conhecer, a explorar e manipular alguns dos materiais urbanísticos (mapas, fotos, gráficos, esquemas) produzidos até a presente etapa, com a finalidade de construir um relato, um retrato, uma análise sobre as principais características e condições urbanísticas do região.

Plano de terreno, ruas e áreas verdes, ruas e linhas de transporte público e de mobilidade em geral, acessibilidade dos lugares, do conjunto de edifícios e dos usos do solo.

As pranchas dispostas sobre a mesa podem ser movidas, aproximadas ou afastadas uma das outras, segundo composições ou arranjos que permitam a melhor leitura do espaço urbano.



QUAL A IDADE DAS MULHERES E HOMENS?



QUAL A RENDA MENSAL?



ATÉ QUANDO ESTUDAM?

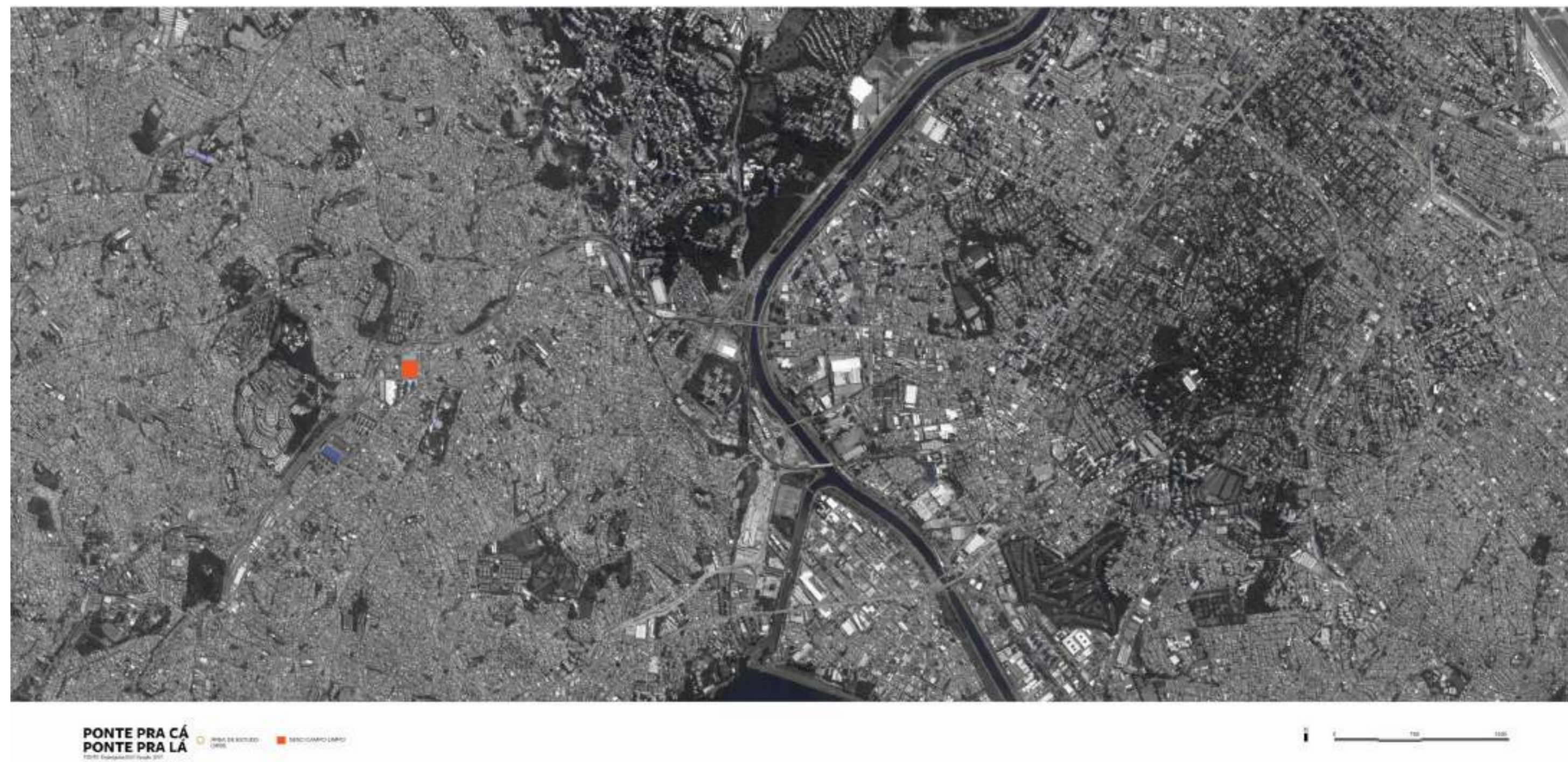
unidades territoriais	sem instrução e fundamental incompleto	fundamental completo a médio incompleto	médio completo e superior incompleto	superior completo	não determinado
território de São Paulo	37,94%	18,38%	25,68%	16,07%	1,92%
campo limpo	40,31%	18,46%	23,78%	11,06%	1,38%
campo limpo	44,12%	19,06%	25,22%	9,82%	1,77%
capão redondo	40,99%	20,12%	28,53%	7,36%	1,96%
vila anáclara	44,81%	13,81%	16,32%	14,34%	0,69%

mesa: ponte pra cá/ponte pra lá

O “Ponte pra cá / Ponte pra lá” é um mapa de satélite que teve como finalidade aproximar o leitor da área de estudo da pesquisa, junto de um ponto de referência para todos os mapas (SESC Campo Limpo), e permitir a comparação desta área com a configuração urbana de Santo Amaro.

Em comparação, a malha de Santo Amaro é mais conectada e conta com parcelamento de lotes e quadras mais espaçosos em contraste com a área estudada, que possui textura mais granulada indicando maior densidade e dimensões menores para as edificações, assim como uma diversidade de configurações viárias muitas vezes desconexas dificultando a circulação no terreno. Somada as poucas oportunidades de transposição para “o lado de lá” da ponte, fazem com que o Campo Limpo, Jd.São Luís e Capão Redondo se portem como uma ilha no que condiz à mobilidade, cujas condições se refletem noutras cartografias lidas adiante.

Ele se mostrou valioso como ponto de partida para as discussões, uma vez que é uma forma de cartografar muito próxima do uso cotidiano, servindo frequentemente como base para mapas de leitura mais complexa.



mesa: meio físico

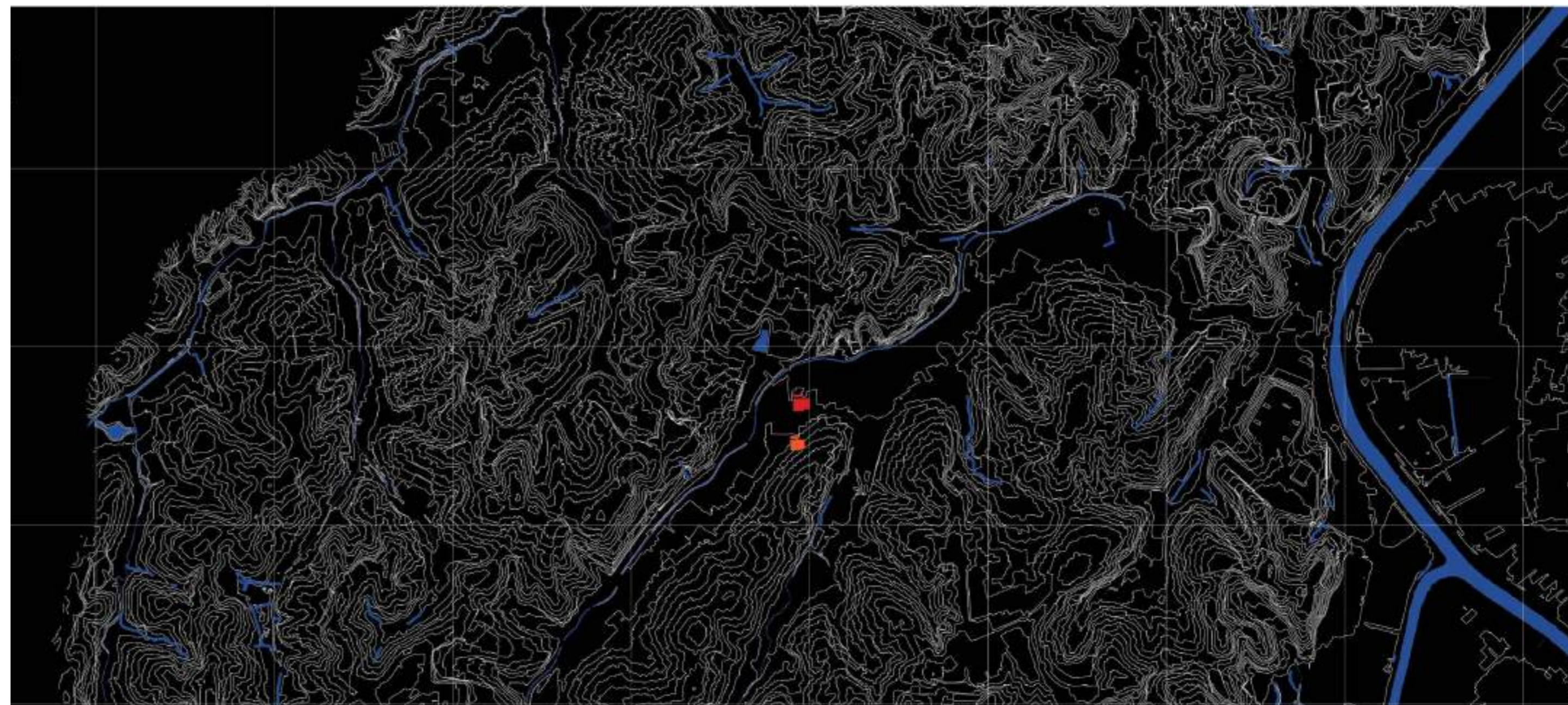
Em Meio Físico, o objetivo principal foi o de aproximar o leitor da linguagem de cartografias não-usuais ao representar as condições do relevo dos arredores do Sesc Campo Limpo.

O Sesc se encontra no meio da várzea do Morro do S, entre dois corpos rochosos ao norte e ao sul que respectivamente conformam o relevo dos distritos do Campo Limpo, Jd.São Luis e Capão Redondo.

Foi discutido como a formação destes corpos influenciou desde o assentamento das habitações na região, que lidam com situações das mais acidentadas nas encostas dos morros, até a instalação dos grandes eixos de transporte, mais em específico a Avenida Carlos Caldeira Filho e a Estrada de Itapeperica, localizadas nas porções mais planas do território.

Tal característica do relevo – junto dos diferentes tempos de construção na região, resultou em malhas viárias que precisavam responder a declividades difíceis, e consequentemente sendo desconexas, dificultam a locomoção na área de estudo.

Com tal diversidade de discussões a partir desta cartografia, ela serviu de pivô para muitos dos interesses que se manifestaram durante as monitorias. E embora seja de uma leitura inicial difícil, com uma breve explicação foi capaz de ser intuída pelos leitores.



MEIO FÍSICO

FORTE P.MSP: FCHT/SMUL, 2004;
SMUL/DEINFO, 2004.

■ SESC CAMPO LIMPO — CURVA DE NÍVEL (5M)
■ HIDROGRAFIA

N

0 1500 3000

mesa: mobilidade

Em sequência a Meio Físico, o mapa de Mobilidade descreve o funcionamento dos eixos de transporte no território a partir da localização dos pontos e linhas de transporte público; e de forma sintetizada, a combinação (INCH) de segmentos desta rede viária que têm maior capacidade de atravessar o território com aqueles de maior grau de integração, que revelam-se empiricamente favoráveis ao deslocamento pedestre.

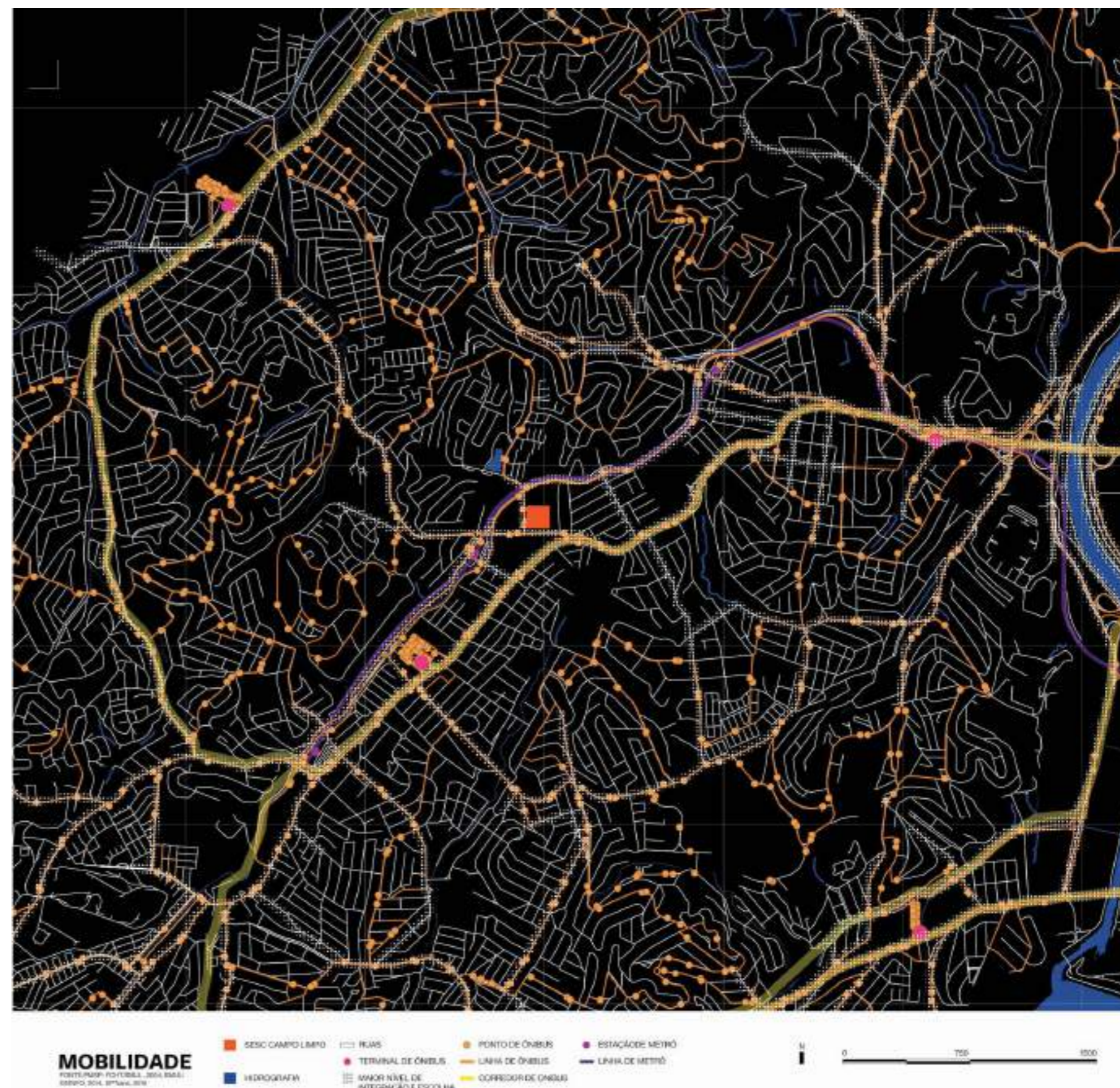
Tal conceito foi explicado em monitoria com a metáfora do labirinto, que toma um ponto x dentro de um bairro com viário sinuoso como destino, e dois viajantes y e z tem duas opções de viagem até x:

- a. uma rua de extensão reta com poucas confluências em ruas subsequentes (e.g Estr. do Campo Limpo);
- b. uma rua pertencente a malha sinuosa do parque arariba/morumbi sul (e.g R. Nossa Senhora do Bom Conselho).

Os visitantes concluíram que o caminho mais rápido era a rota a. e com isso associaram (mesmo que parcialmente) tal metáfora aos conceitos da Sintaxe Espacial.

Isso é relevante para reconhecimento de uma hierarquia de locomoção na área de estudo, e como a disposição dos equipamentos de transporte geralmente seguem (e contribuem com ela), permitindo reconhecer como o relevo influi e molda a circulação na região.

Durante monitoria, alguns visitantes comentaram como é abundante a quantidade de pontos de ônibus na região, mas reconheceram que um grande número de pontos não reflete em grande qualidade de locomoção, trazendo a conversa de volta ao plano do viário e de frequência da circulação, fatores que mais influem na eficiência das viagens.



mesa: integração e escolha

O mapa de Integração e Escolha tem esse nome devido aos conceitos de Integração (NAIN) e Escolha (NACH) que, segundo a teoria da sintaxe espacial, respectivamente indicam gráfica e quantitativamente segmentos de uma rota onde há maior potencial médio de acessibilidade e rotas que atravessam o território de forma mais direta

Com ele é possível realizar a leitura das rotas que coincidem com níveis elevados de ambos (integração e escolha), e mapear de forma mais clara estas hierarquias de transporte no território em suas diversas escalas, local (a partir da rede de pontos de ônibus e suas vias coletoras), regional (vias estruturais N2 e N3) e municipal/metropolitano (via estrutural N1).

Um visitante comentou sobre como este mapa o lembra de seu passado como caminhoneiro, e da dificuldade de transportar carga de caminhão da M'Boi Mirim até o interior do Campo Limpo relatando como levava cerca de quarenta minutos (num trecho que na teoria levaria 15 minutos noutra situação) para acessar as Marginais e então seguir na estrada de Itapeperica, ou trilhar pela estrada do M'Boi Mirim e descer até o Capão Redondo para finalmente alcançar o seu fim.



**INTEGRAÇÃO
ESCOLHA**
FONTE: PMSB: FCHT/SMUL, 2004;
SMUL/DEINF, 2014, SPTrans, 2016

- | | | | |
|------------------|---------------------------|--------------------|------------------|
| SESC CAMPO LIMPO | MAIOR NÍVEL DE ESCOLHA | PONTO DE ÔNIBUS | ESTAÇÃO DE METRÔ |
| HIDROGRAFIA | MAIOR NÍVEL DE INTEGRAÇÃO | LINHA DE ÔNIBUS | LINHA DE METRÔ |
| | TERMINAL DE ÔNIBUS | CORREDOR DE ÔNIBUS | |

N

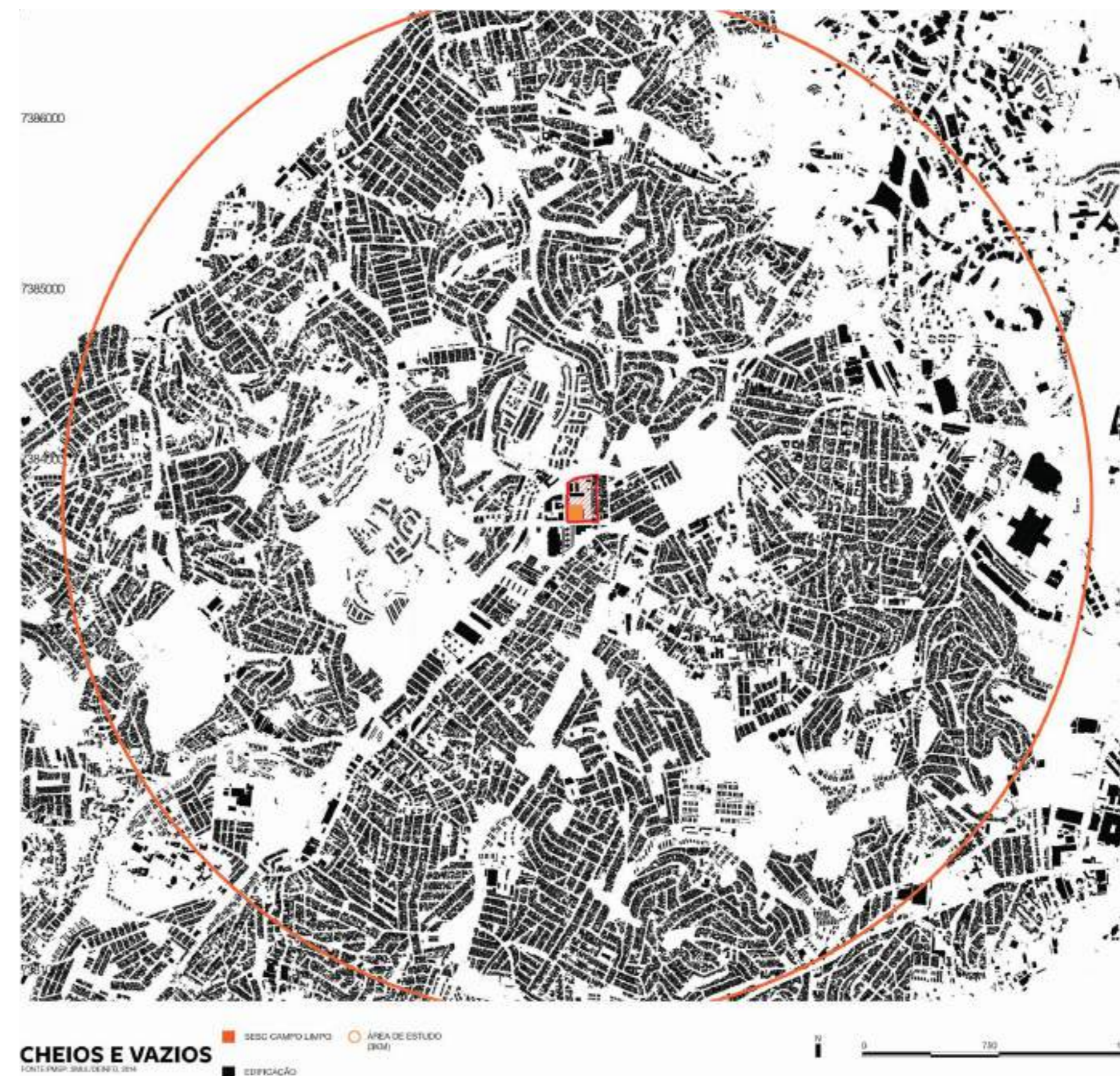
0 1500 3000

mesa: cheios e vazios

O mapa de Cheios e Vazios transmite visualmente aos leitores a relação que os espaços livres ou vazios detêm com os sólidos ou edificados. A partir de leitura dessa relação espaço ocupado/não ocupado, é possível notar os diversos momentos de diversidade da densidade ou da taxa de ocupação do solo, que como se verá é representativa da categoria porosidade.

Decorrente do loteamento de grandes fazendas de forma não integrada, a configuração da trama viária resultou em um tecido descontínuo, irregular e fragmentado, o que, entre outras coisas, implica em alta dificuldade de mobilidade das pessoas.

Ao comentar sobre como grandes vazios podem indicar a existência de áreas verdes, alguns visitantes indagaram sobre a procedência destes grandes vazios, que quando lidos em conjunto com a foto aérea Ponte pra Cá, Ponte pra Lá, mostrou que somente dois destes vazios representam áreas verdes no entorno (que podem ou não ser públicas). Já ao ler em conjunto com Meio Físico, quando próximo a encostas de morro muito inclinadas, notou-se como os vazios sinalizavam a presença de uma favela consolidada.

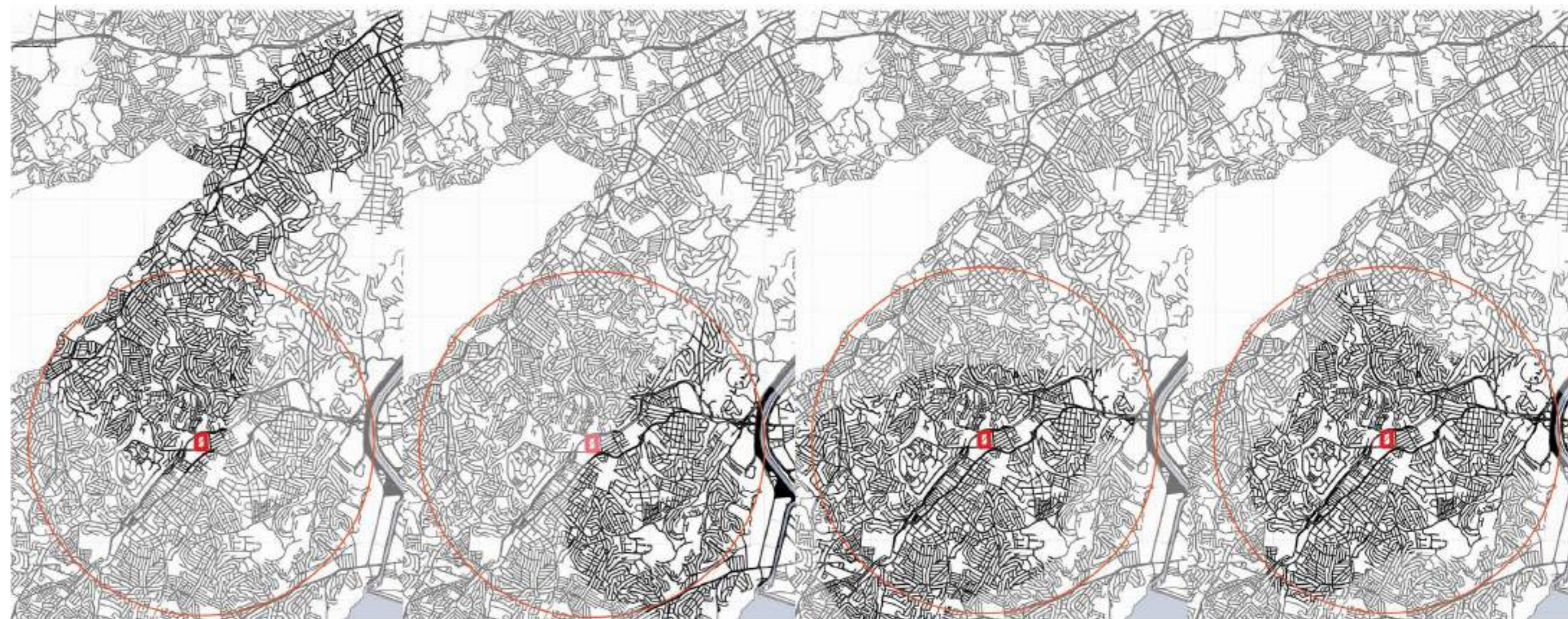


mesa: tempo de viagem

No mapa Tempo de Viagem cada mancha sugere o quanto é possível se deslocar de transporte público (metrô/trem/ônibus) em meia hora (trinta minutos), nos sentidos norte, sul, leste e oeste, tendo como ponto inicial o Sesc Campo Limpo.

Destaca-se que a locomoção sentido norte tem um alcance de maior distância naquele intervalo de tempo, isso se dá pelo fato deste vetor possuir um corredor retilíneo sentido centro pela Estrada do Campo Limpo, que também é ligada ao Sesc por uma via direta. Em sentido sul, leste e oeste a área de alcance se mostra muito menor, e concentrada dentro do raio da área de estudo; isso deve-se tanto ao fato das vias serem descontínuas quanto por serem vias de menor porte. Nota-se que uma questão de relevância é abordada em relação ao rio, identificado como uma barreira de transposição, onde o fluxo se afunila num só ponto da cabeceira da ponte, o que impacta fortemente, apesar do metrô, o alcance representado no mapa.

Sua leitura, embora muito importante para entendimento de locomoção na área, deixou a desejar com a legibilidade, tanto pela questão de contraste pouco destacado entre o desenho da área geral e a mancha de alcance, como pela falta de compreensão na leitura do mapa, que exigia uma maior atenção para entendimento, e acabou sendo muito mais compreendida a partir de explicações orais.



TEMPO DE VIAGEM

FONTE: PMSP, FCHT/SMUL, 2004;
SMUL/DEINPO, 2004, MapitCent, 2016

- QUADRA VIÁRIA
- ▨ SESC CAMPO LIMPO
- HIDROGRAFIA
- RUAS
- ÁREA DE ESTUDO (3KM)

Cada mancha sugere o quanto é possível se deslocar de transporte público (metrô+trem+ônibus) em meia hora tendo como ponto inicial o SESC Campo Limpo.

N

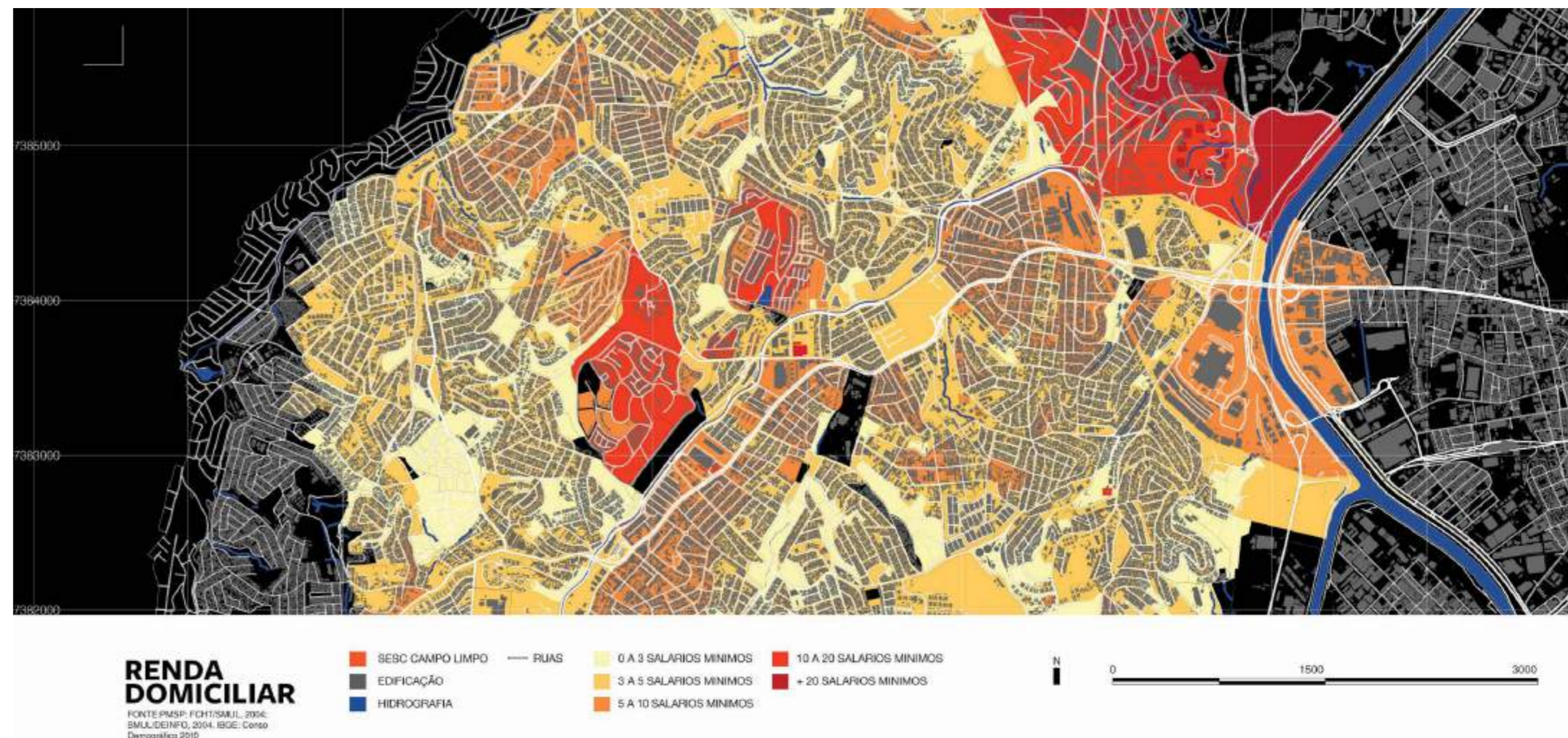
0 1500 3000

mesa: renda domiciliar

A partir de dados do censo do IBGE de 2010 foi feito o mapa de renda domiciliar. As informações contidas nesse mapa subdividem o território em regiões segundo a média salarial de cada domicílio por setor censitário, tornando clara a constatação de que, de forma geral, os moradores da região estudada possuem uma renda mensal domiciliar entre 3 e 5 salários mínimos.

Diversas leituras do território são possíveis a partir desse mapa. Uma dessas leituras que se mostrou recorrente durante as visitas circunda a questão da concentração de alta renda e as áreas em que elas se apresentam, e que correspondem a áreas condominiais horizontais e verticais, além de se assentarem nos arredores dos grandes eixos de transporte da região.

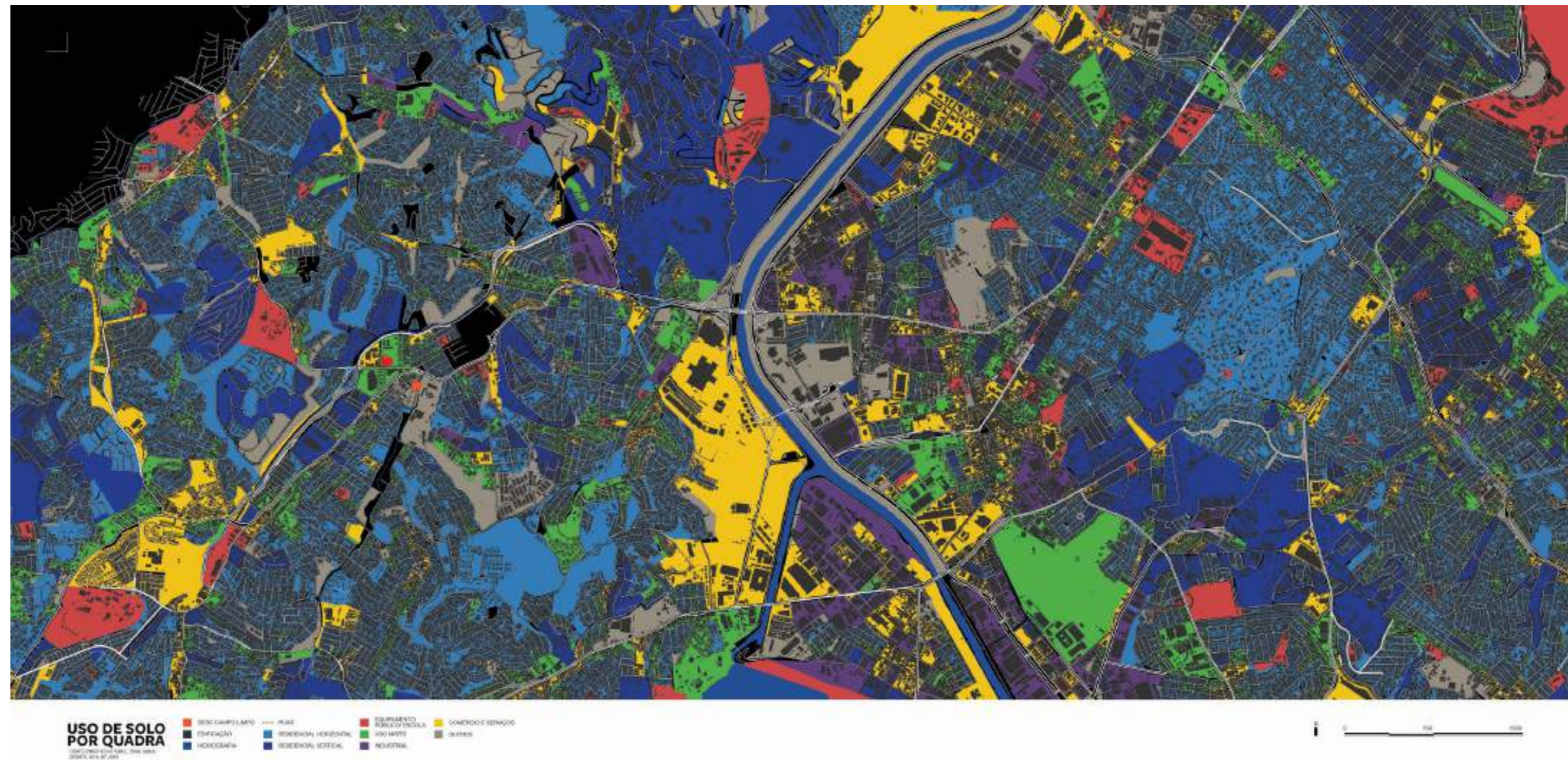
Durante as monitorias o mapa chamou muita atenção justamente para as ilhas de renda, que coincidiram com a percepção dos visitantes sobre o Campo Limpo, trazendo boas discussões à mesa. No entanto, poucas questões sobre escolaridade foram ligadas à esse dado, como foram feitas em etapas anteriores. Talvez a leitura sobre renda possa futuramente ser desvinculada desse aspecto e ligar-se mais aos tópicos de infraestrutura e posição no território, fazendo associações, por exemplo, a áreas alagadiças ou de altas declividades.



mesa: uso do solo

Mapear o território segundo seus usos tem por objetivo entender como aquele território é ocupado pelas diversas atividades e, então, buscar compreender quais as razões e consequências desses tipos de ocupação, especificamente onde se mostra certa especialização funcional. Para compreensão do material deve-se saber que a mancha classificatória do espaço se dá pela predominância de seu uso (50% da área total dos lotes), não seu uso unânime.

Essa leitura revela que o espaço é ocupado, predominantemente, por residências horizontais (essa tipologia se caracteriza por edificações de até 9 metros de altura), o que consequentemente gera um território mais horizontal que verticalizado. A escala desse mapa, que expande para fora da área de estudo, alcançando o território para lá da ponte, nos permite fazer uma leitura comparativa. A comparação com o outro lado da ponte exalta ainda mais esse caráter residencial da região. Para além desse aspecto, outra leitura possível desse mapa nos mostra que a predominância de uso misto coincide com as regiões de centros comerciais.



TERRITORIALIDADES CULTURAIS

MODOS DE POVOAR COLETIVAMENTE FORA DA FAMÍLIA, ESCOLA E TRABALHO

plano de trabalho

Plano de trabalho é a preparação para ingressar nas TERRITORIALIDADES CULTURAIS, apresentando seu conceito e o passo-a-passo para a leitura dessas cartografias. A confecção deste painel prevê um esforço de introduzir a pesquisa, sua área de estudo e as etapas que antecederam o trabalho até o momento no qual a exposição se insere (CONSTELAÇÕES, REDE, TIPO, GRID, CRUZAMENTO).

A partir da base de dados da prefeitura (pela plataforma SP Cultura), redes sociais e contatos pessoais já existentes entre coletivos próximos da Escola da Cidade, o universo recortado é representado por meio da locação destes 50 espaços e eventos. Em sequência, a estrutura da pesquisa vem definida por suas fases de realização:

— **CONSTELAÇÕES** – deriva, encontro, seleção não hierárquica dos estudos de caso

Caracterização urbano-territorial do distrito do Campo Limpo e definição da área de estudo; seleção preliminar de estudos de caso a partir de catalogação existente e/ou chamamento eletrônico; mapeamento de condição urbana e arquitetônica de casa caso.

— **REDE** – vetores, escalas dos fluxos que atravessam

Sistematização do mapeamento; identificação dos fluxos de pessoas e informações que cada caso entretém com as diversas escalas urbanas.

— **TIPO** – agrupamento por regularidade, repetição

Construção de famílias tipológicas por espaço arquitetônico, por função, por inserção urbano territorial.

— **GRID** – visão sinótica das territorialidades e modos de operação

Elaboração de matrizes gráficas para comparação visual das territorialidades-tipo.

— **CRUZAMENTO** – fertilização cruzada de possibilidades diretrizes/provocações aos grupos pesquisados das tipologias/categorias identificadas

Nos momentos de monitoria, o painel Plano de Trabalho atuava como índice da exposição visando guiar o leitor do conteúdo a seguir, embora tenha sido pouco observada pelos visitantes. A densidade de informações que este painel se propôs a transmitir pode ser um motivo da pouca atenção, como a quantidade de informação contida em texto. Seu elemento de maior atração era o mapa do universo das territorialidades culturais, com o qual muitos visitantes se surpreenderam com a quantidade e diversidade de eventos e agentes presentes na região, e frequentemente, indagava-se sobre o funcionamento destes, como no caso de moradores novos da região que buscavam se integrar a atividades coletivas e afins.

A Cartografia das Territorialidades Culturais é um esforço no sentido de identificar, mapear e caracterizar possíveis espaços-tempos de produção da cultura, que se encontram (ainda) à parte do circuito institucional.

As territorialidades são as manifestações culturais no território, os pontos em que emergem subjetividades coletivas e onde se efetuam as potencialidades criativas, espaciais e temporais.

CAMPOLIMPO|CAPÃO REDONDO|JDSÃO LUÍS

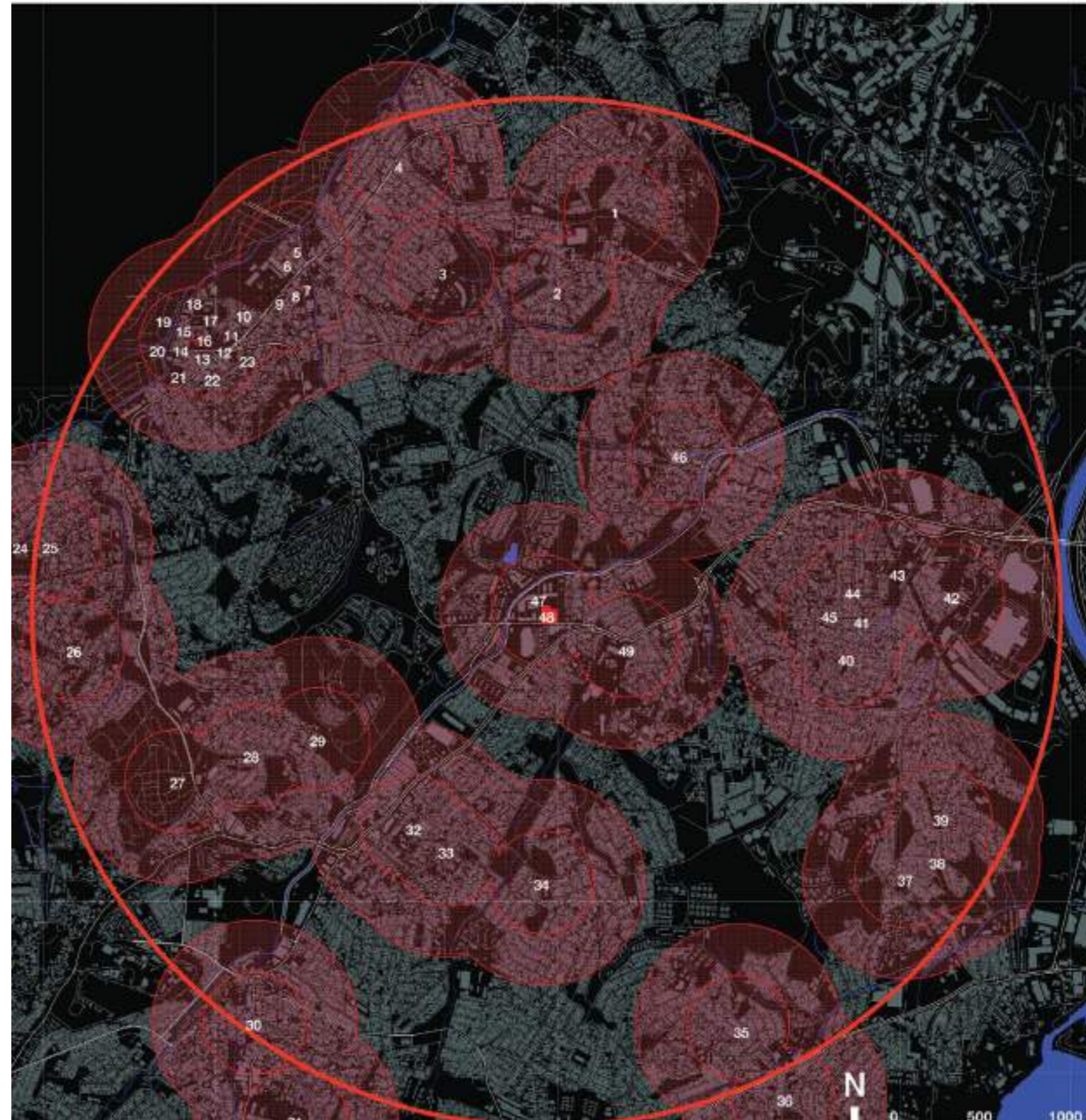
No ano de 2016, foi firmada uma parceria entre o SESC e a Associação Escola da Cidade Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, motivada pelo interesse de erguer a unidade definitiva do SESC Campo Limpo aberta a colher as especificidades urbanísticas e culturais da região do Campo Limpo, Capão Redondo e Jardim São Luís onde se insere. A ideia é de que a partir do diálogo e debate com moradores e produtores da região, se possa cruzar perspectivas técnicas e sensíveis e traçar linhas de provocação e subsídio ao projeto arquitetônico que vem sendo elaborado pelos arquitetos e estudantes da Escola da Cidade.

A pesquisa Cartografia das Territorialidades Culturais procura identificar, mapear e caracterizar possíveis espaços-tempos de produção da cultura no território regional dos distritos cujos limites se justapõem bem na área onde se localiza a unidade do SESC. Traçando um círculo de 3km de raio com centro no Sesc, a área defendida para a pesquisa tangencia as margens do Rio Pinheiros a leste, os limites do município de São Paulo com Taboão da Serra ao norte, os limites dos distritos do Capão Redondo e M'Boi Mirim ao sul.

Sobre este território a leitura e o conhecimento prático e analítico das territorialidades culturais se organizou segundo 5 módulos:



- | | | | |
|---|--|--------------------------------------|---|
| 1. Festa Literária Zona Sul 2015: Brecholeca | 14. Caraninho Chorão | 26. Sarau Alternativo | 40. Cendira |
| 2. Roda de Samba Acadêmicos | 15. Fazenda a Ponte com a África | 27. Associação Capão Cidadão | 41. Cine da Quebrada |
| 3. Território do Povo | 16. Festival Percorso | 28. Horta Cores e Sabores | 42. Brechó das Minas |
| 4. Mulheres Construindo Artes | 17. Fevereiro da Ponte pra Cá | 29. 100% Favela | 43. A vibração da música Reggae na Favela Monte Azul |
| 5. Vamos Começar o ano assim | 18. Nesta Vez na Casa | 30. Sarau Herdeiras de Aquilone | 44. Revivarte no Mercado |
| 6. Último Sarau do Binho no antigo Bar do Binho | 19. Projeto Mais Raço | 31. CEU Capão Redondo | 45. Revivarte no Escadão |
| 7. Caverna do Dragão 1 | 20. Sarau da Ponte | 32. CIEJA | 46. Sarau do Binho na Adaga do Bagunho |
| 8. Festa Black Apim | 21. Sarau do Binho na Praça do Campo Limpo - CITA | 33. Casa do Zezinho | 47. Festa Literária Zona Sul 2015: Sarau do Binho Musical |
| 9. Point Amada | 22. Sarau Raul 70 Anos | 34. Saocão das Artes | 48. SESC Campo Limpo |
| 10. Coletivo Setenta e 1 | 23. Terá Sarau e não Golpe | 35. Sarau da Cooperativa | 49. Sarau do Binho na AABB |
| 11. Maracatu Curo do Congo | 24. Rede Sudeste de Bancos Comunitários de Desenvolvimento | 36. Cine Campana | 50. Espaço Clarão |
| 12. Espaço CITA | 25. União Popular de Mulheres | 37. Sarau Preto no Branco | |
| 13. 1º Aniversário Sarau da Ponte pra Cá | | 38. Ylira Samba | |
| | | 39. Carnaval do Rua do Bloco do Beco | |



constelações

A confecção deste painel previu um esforço de descrever elementos do meio físico e socioeconômico, como um ponto de partida para estudar a região. Colocando lado a lado o mapa de constelações junto com os mapas de equipamentos públicos: educação, esporte e cultura; buscou-se descrever localização, graus de concentração e intensidade espacial de equipamentos públicos em comparação ao das territorialidades estudadas, ao mesmo tempo em que se observou a abrangência de um em relação ao outro, segundo área de abrangência equivalente a uma caminhada de 15 minutos de duração.

O painel comunica a escassez de equipamentos públicos de cultura na área de estudo e como estas são complementadas pela mancha das territorialidades que ocupam seu vácuo. O público acabou abordando este painel como conteúdo complementar ao do primeiro painel, admirando a mancha dos equipamentos de educação, lamentando a escassez de equipamentos de cultura e questionando sobre as atividades que alguns dos grupos descritos ali produzem, interessados pelo tipo de produção cultural presente na região, ou pela busca de algum programa para o tempo livre.

CONSTELAÇÕES

As estrelas, assim como as territorialidades, existem: **dadas ou construídas.**

Observar e mapear os dados socioeconômicos e os equipamentos públicos e privados do território é o ponto de partida para estudar a região.

No mapa em destaque, estão apresentadas as territorialidades culturais encontradas e sua localização.

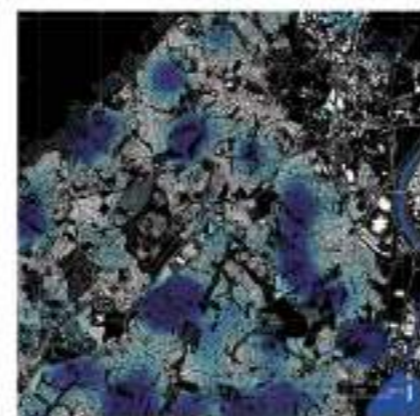
Os mapas menores mostram como os equipamentos públicos de educação, esporte e cultura estão distribuídos no território.

A representação de sua concentração espacial (mapa de calor ou intensidade) e das áreas com maior facilidade de acesso (buffer) permitem perceber e comparar sua distribuição no território e indicar o tempo de percurso a pé até eles (15 minutos).

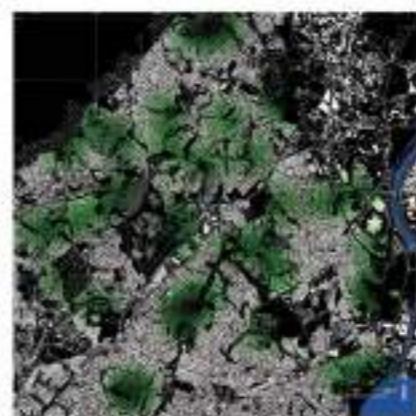
- TERRITORIALIDADES CULTURAIS
- RAIO 300-600 M
- LOGRADURO
- ÁREA DE OPERAÇÃO TERRITORIALIDADES CULTURAIS
- EDIFICAÇÃO
- HIDROGRAFIA
- SESC CAMPO LIMPO

CONCENTRAÇÃO

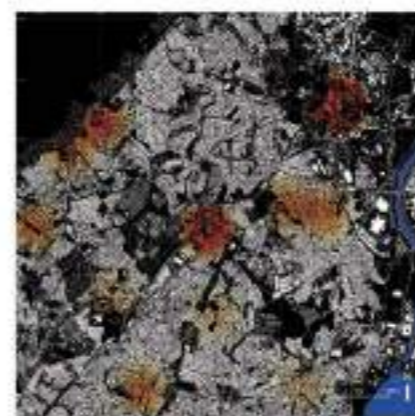
EDUCAÇÃO



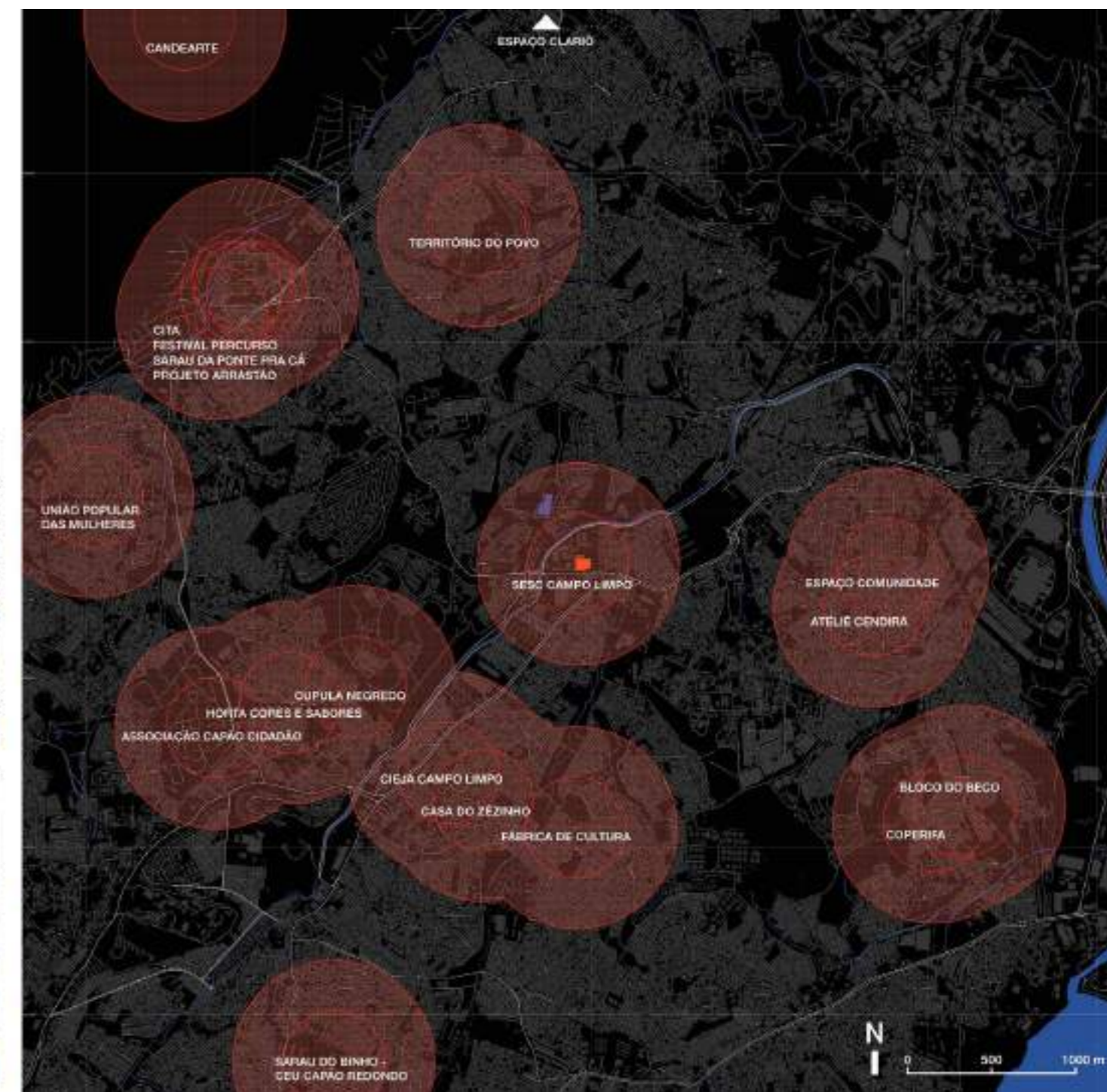
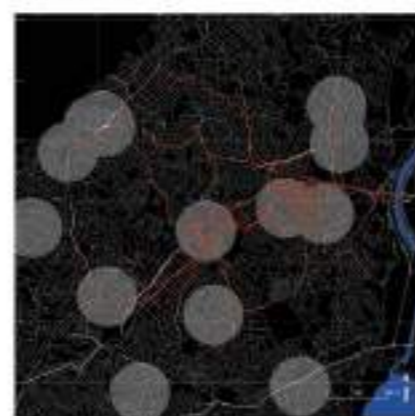
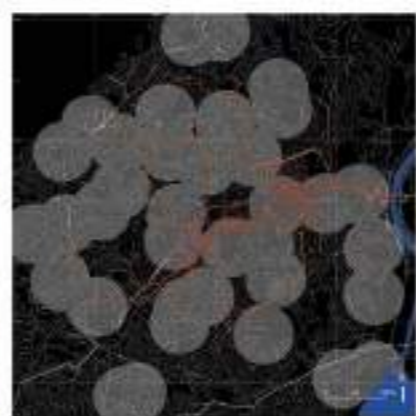
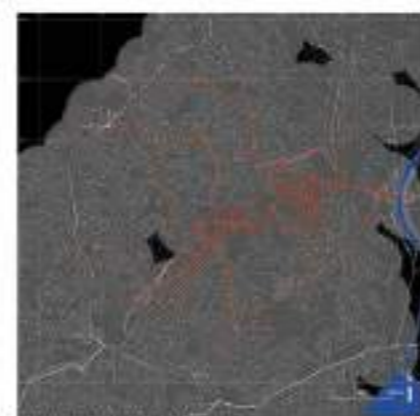
ESPORTE



CULTURA



ACESSIBILIDADE



redes

Rede é a trama de ligações e interações que conectam e articulam pontos entre as diversas redes que operam no Campo Limpo. As informações provêm essencialmente de visitas a campo e da utilização de método etnográfico, sistematizando dados a partir dos relatos e fotografias que, por sua vez, subsidiaram representações gráficas e o entendimento e descrição de fenômenos sociais, que são apresentados em diferentes temáticas.

Campo Limpo e Capão Redondo – a definição do território não se apresenta só na divisão política-administrativa e sim em uma identificação simbólico-cultural que cada nomenclatura envolve a partir da caracterização de valores; **indivíduos e entidades** – são os dois tipos de atores que se complementam na rede, com os primeiros operando relações entre si, e as entidades fazendo com que essas relações se dêem de modo mais formalizado; **arte e cultura** – a produção cultural constituindo um processo de resistência (à violência, exclusão, esquecimento) e levantando questões identitárias; **pra cá e pra lá da ponte** – a busca de reconhecimento próprio (que se distinga da “do outro lado” do rio – centro) à periferia sul da cidade.

O diagrama mostra o recorte em um momento específico da atuação da rede, evidenciando circuitos através dos quais espaços, eventos e coletivos se interligam e fazem transitar territorialmente os fluxos (musicais, poéticos, literários, solidários etc.). Nesta rede os vínculos individuais mostram-se mais importantes do que as instituições, o que sugere a prevalência da conexão interpessoal: a importância de ligações externas é a da configuração de nós de intercâmbio, organização e apoio.

A leitura do diagrama se mostrou não muito fácil, mesmo com a explicação presente em texto no painel e com legenda sobre a função de leitura de cada linha do desenho, de uma maneira visual direta não expressou o sentido das conexões e das relações em momentos específicos dessa rede, a qual após explicação verbal se mostrou muito mais interessante.

REDES



A rede é a forma como se articulam os espaços e atores que produzem cultura na região analisada. Essa constatação, para os agentes, é clara: de que outra forma seria? Entre “encontros”, “rolês” e visitas mútuas, a rede se produz e se transforma o tempo todo. Neste diagrama, apresentamos um retrato de como ela se organizava em meados de 2018. Mais importante que sua configuração momentânea são os princípios e ideais que fazem ela se estruturar e modificar.

O diagrama de redes busca mapear e evidenciar os circuitos através dos quais espaços, eventos e coletivos se interligam e fazem transitar os fluxos culturais. Enquanto as redes estão sempre em transformação, este diagrama registra um momento específico em que é possível perceber a prevalência das conexões internas a cada territorialidade cultural, apontando também a importância de ligações externas das redes de apoio.

CAMPO LIMPO E CAPÃO REDONDO

Há vários lugares dentro do mesmo território. O que quer dizer ser do Capão, do Campo Limpo ou do Jardim São Luiz? O que significa pertencer a um lugar? Até onde o seu bairro vai, onde ele começa e onde termina? Esses sentidos são negociados e disputados por quem vive aqui. Como sugeriu um morador “meu bairro é onde eu chego a pé”. E como é o seu bairro?

ARTE E CULTURA

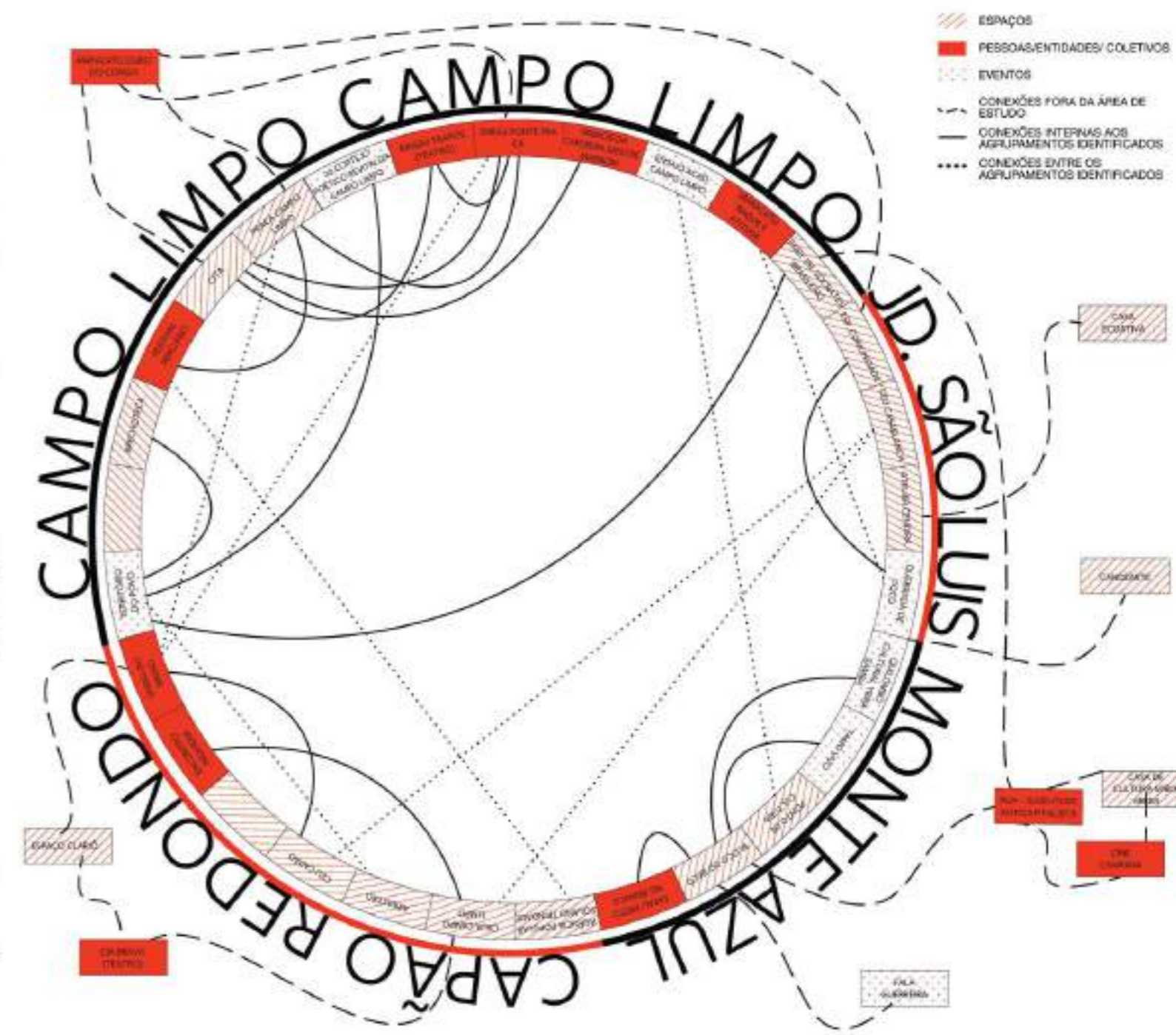
Por que a arte que se produz no centro (da cidade e de poder) não chega, ou demora a chegar do lado de cá da ponte? Por que o que é produzido aqui dificilmente chega nos meios hegemônicos de arte? O debate que se dá na produção cultural na região estudada é esse: como aproximar os dois mundos mantendo o que é distintivo da cultura de periferia?

INDIVÍDUO E ENTIDADES

Indivíduos e entidades são os dois tipos de atores que se complementam, fazendo a rede funcionar. Os indivíduos operam essa rede cotidianamente, com parcerias, negociações e criando relações entre si. As entidades permitem que relações mais duradouras sejam estabelecidas, cristalizadas e formalizadas.

PRA CÁ E PRA LÁ DA PONTE

Embora seja feita para unir duas margens, as pontes marcam uma separação. Do lado de cá da ponte, tudo é mais difícil, mas também pode ser mais interessante. Campo Limpo e Capão Redondo transformam o termo “periferia” de estigma em marca, de constrangimento em orgulho.



tipos

Constituir tipos se refere ao esforço de reconhecer padrão na diversidade, e a tentativa de conseguir trabalhar com ele diante de um mesmo ponto de referência.

O objetivo deste painel é a expressão sintética da composição física e relacional de seus elementos:

— geometria: configuração pontual (dentro de um lote urbano/edificação de pequeno/médio porte ou espaço externo), linear (ao longo de uma rua/uma sequência de ruas)ou poligonal(em grandes extensões do território, como ao longo de uma praça ou grande lote urbano);

— Quantidade de pessoas: número médio de participantes ou espectadores;

— Equipamentos utilizados: dispositivos utilizados para realizar a produção/evento cultural;

— Frequência: intervalo de ocorrência do evento (semanal, semestral anual);

— Singularidades: uma dinâmica de evento que são recorrentes;

— Extensão/Área de manifestação: o espaço em metros lineares/quadrados em que ocorre a produção cultural no espaço privado e/ou público.

A informação textual teve como fim a velocidade/facilidade de compreensão para expressar o tópico, tanto quanto pelo apelo estético que o meio de expressão ofereceu atuando como partido para a construção de uma identidade visual para a exposição.

No entanto tal facilidade de compreensão é questionável, uma vez que a leitura dos painéis seguintes (grid 1 e grid 2) passaram por grandes dificuldades de leitura, indicando talvez alguma falha na expressão destes tipos no painel.

CORTEJO

GEOMETRIA

RUALINEAR

60 ITINERANTE PARTICIPANTES 80

BLOCO
TEMÁTICO

MÚSICA POLÍTICA

PROTESTO DANÇA

TRANSITÓRIO

+600M

TIPOS

FESTIVAL

GEOMETRIA

POLIGONAL

1500 6000 PESSOAS

LOCALIZAÇÃO FIXA

PRAÇA JORNADA SAZONAL

MÚSICA COMIDA FESTA

SIMULTANEIDADE

ECONOMIA

SOLIDARIA

1600M²

SARAU

AGRUPAMENTO

PRAÇA LARGO AUDITÓRIO

50 PÚBLICO PARTICIPANTES

VOLANTE

CIRCULARIDADE

PLATEIA PALCO

ITINERANTE

EPISÓDICO

MÚSICA DANÇA POESIA

1200M²

grid 1

GRID é peça gráfica com a intenção de cruzar e comparar as informações coletadas durante o processo de pesquisa. A elaboração de uma matriz tem como objetivo apresentar, sob os mesmos parâmetros, as características de cada evento visitado, de uma forma em que se pode distingui-los ou aproximá-los.

Para cada evento foram resgatados dados e elementos gráficos e textuais, discriminados na etapa TIPO, que melhor retratam o funcionamento e o uso dos espaços. No eixo horizontal estão distribuídas as características dos eventos sob alguns aspectos: espaciais (dimensão, geometria, área de operação, vizinhança, perspectiva, corte e planta); funcionais ou operativos (número de participantes, frequência, dispositivos) e relacionais (articulador). No eixo vertical a matriz permite a comparação das informações, tanto internamente a cada série tipológica, comparando as informações de um mesmo tipo de evento, quanto entre elas, identificando o que as diferem.

Na exposição o conteúdo do grid mostrou-se um material denso em que o visitante precisava dispor de um tempo sozinho, lendo a matriz e a partir de então tirar suas conclusões. No entanto, durante o discurso do conteúdo, o material gráfico presente no painel apoiava o discurso da etapa TIPO.

	CORTEJO					FESTIVAL			SARAU			
	TERRITÓRIO DO POVO	CORTEJO DO BOI	IV ENCONTRO INDÍGENA	BAQUE ATTITUDE + QUEBRADA DE COCO	MARACATU OURO DO CONGO	FESTIVAL PERCURSO	9ª MOSTRA CULTURAL COOPERIFA	100% FAVELA	SARAU DO BINHO	SARAU DA PONTE PRA CÁ	YBIRA SAMBA	SARAU QUINTASOITO
ARTICULADOR	EMEF Dr. Sócrates Brasileiro	Cardearte	CIEJA	Espaço Comunidade	CITA	Projeto REDES (UPM+Solano Trindade)	Cooperifa	Periferia Ativa	Ceu Capão Redondo	-	Bloco do Beco	Grupo Glariô de Teatro
DIMENSÃO	17091m²	9230m²	16348m²	3671m²	6227m²	8013m²	19887m²	1256m²	1610m²	1325m²	266m²	154m²
GEOMETRIA	linear	linear	linear	linear	linear	poligonal	poligonal	poligonal	linear	poligonal	pontual	pontual
Nº DE PARTICIPANTES	50-60	60	80	30	60	2000	3000	10000	140	25-30	30-40	25
FREQUÊNCIA	03.09.16	anual	anual	27.08.16	20.08.16	anual	anual	anual	semanal	semanal	mensal	mensal
DISPOSITIVOS	instrumentos musicais, megafone	instrumentos musicais, decorações feitas em oficinas, megafone	cadeiras móveis; luz para teatro de sombras, mesas, microfones	cadeiras móveis, mesa, instrumentos musicais	instrumentos musicais, bancos fixos, megafone, sala como camarim e depósito, megafono, sofa	barracas, palco, bancos fixos, brinquedos da praça, brinquedos infláveis, caixa de som, instrumentos musicais	barracas, palco, bancos fixos, brinquedos da praça, brinquedos infláveis, caixa de som, mesa para som	barracas, palco, microfone, caixas de som	microfone, palco, cadeiras, instrumentos musicais	mobilário da praça, microfone, bancos, palco	gripão, cozinha aberta, bancos, sofa, mesa, balcão, lousa branca, churrasqueira portátil	arquibancada, cortinas, caixas de som, lâmpadas locais, palco, bar, cozinha, microfones
VIZINHANÇA	predominante uso residencial horizontal	predominante uso residencial horizontal	predominante uso não residencial horizontal e vertical	predominante uso residencial horizontal e vertical	predominante uso não residencial horizontal	predominante uso não residencial horizontal	predominante uso não residencial horizontal	predominante uso residencial horizontal e vertical	predominante uso não residencial horizontal e vertical	predominante uso não residencial horizontal	predominante uso misto horizontal	predominante uso residencial horizontal
ÁREA DE OPERAÇÃO												
PERSPECTIVA												
CORTE												
PLANTA												

GRID

grid 2

O segundo material da etapa GRID tem por objetivo estabelecer algumas leituras específicas do material apresentado na matriz anterior, segundo variáveis específicas determinadas.

Essas leituras são mostradas a partir dos diagramas circulares, em que os eventos se distribuem no entorno categorizados segundo suas tipologias, e as relações entre eles são feitas a partir de linhas que os conectam. Sendo essas linhas preenchidas quando relacionando eventos de diferente categoria tipológica e tracejada quando as relações são feitas entre eventos de mesma tipologia.

As leituras pretendidas por esses diagramas referem-se às relações de proximidade e distâncias entre os eventos. Essa relação é estabelecida segundo variados aspectos: dimensão, frequência, número de participantes, integração visual, geometria e vizinhança.

O conceito de proximidade e distância aqui utilizado também pode ser compreendido como semelhança e diferença. Logo, se tomarmos por exemplo o diagrama de dimensão, a leitura que podemos fazer dele é a seguinte: 100% favela e Sarau do Binho, embora eventos categorizados em diferentes tipologias, se aproximam quanto a sua dimensão; Sarau Quintasoito e Ybira Samba se aproximam unicamente entre eles neste aspecto, e assim por diante.

Este painel, de forma geral, suscitou dificuldade na leitura de seu conteúdo devido à linguagem em que foi traduzida. Em momentos de diálogo com um educador, os visitantes costumavam focar na explicação falada exclusivamente, sem atentar-se ao conteúdo gráfico do painel.

LEITURA DO GRID

Após a revisitação das etapas e informações coletadas durante o processo de pesquisa, foi organizada uma matriz onde, sinoticamente, podem ser observadas as relações entre as características de cada evento analisado.

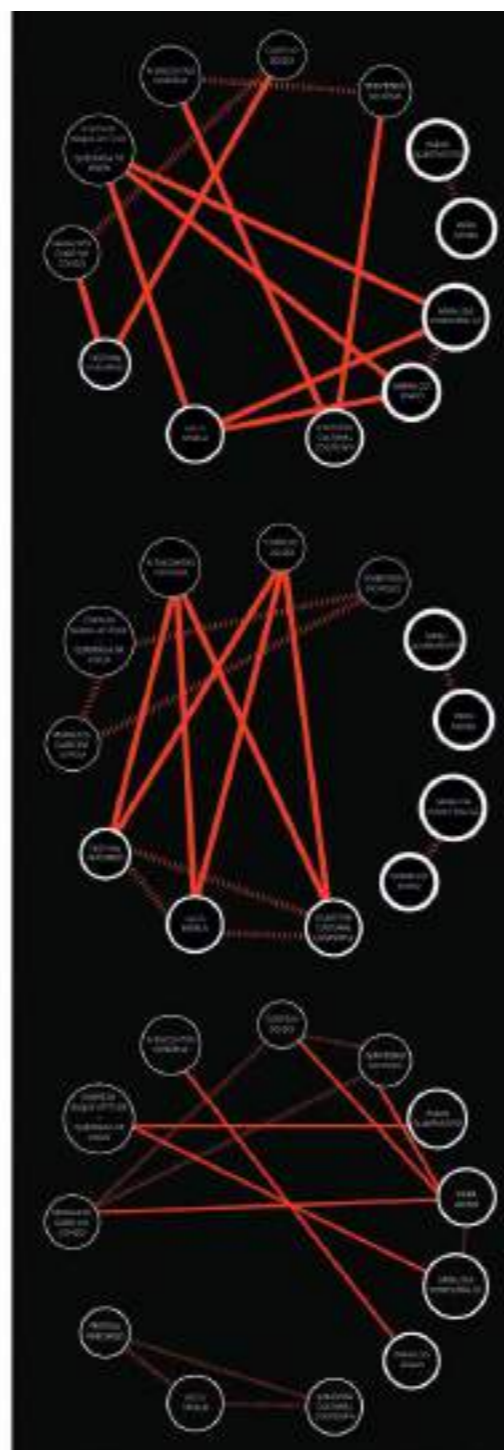
Para cada evento foram resgatados dados e informações gráficas e textuais que melhor retratam o funcionamento e o uso dos espaços. No eixo horizontal, estão ordenadas as séries tipológicas, com suas características distintas especiais (geometria, dimensão, área de operação, vizinhança e configuração física em perspectiva, corte e planta); funcionais ou operativas (número de participantes, período, dispositivos); e relacionais (articulação e entorno). No eixo vertical, a matriz permite cruzar e comparar os dados das territorialidades culturais, seja internamente a cada série tipológica (regularidade de atributos), seja entre elas (proximidade de atributos).

A discriminação dos equipamentos existentes e utilizados em cada territorialidade permite observar as condições em que ocorrem as manifestações culturais. A diversidade de equipamentos pode ser comparada com os tipos de atividades, mostrando que manifestações diferentes podem compartilhar as mesmas condições e necessidades.

A geometria diz respeito à forma e à proporção que a manifestação assume na malha urbana, se pontual e restrita a um espaço pequeno; se linear, ao longo de um percurso; ou poligonal, ocupando áreas maiores. As características atribuídas a esses locais ajudam a perceber as condições e possibilidades com as quais as manifestações culturais precisam lidar. Elas podem ocorrer em espaços abertos ou fechados, o que interfere nos equipamentos que utilizam e nas condições de realização, para produtores culturais e para o público. É possível analisar ainda se o espaço em que ocorrem e seu entorno consistem em locais públicos ou privados, cada um dos quais demandando negociações e regras diferentes para serem ocupados.

Observar essas relações permite perceber a diversidade dos arranjos realizados por esses atores sociais e quais as características que o espaço existente oferece a eles.

A primeira leitura mostra o padrão geral comum a cada série tipológica. A segunda permite perceber que um espaço, dados certos atributos, pode acolher dois ou mais tipos de manifestação.



DIMENSÃO

Variáveis: 0 – 300, 1.000 – 5.000, 6.000 – 10.000 e 10.000 – 20.000 m².

- O Cortejo Baque-Atitude, Sarau da Ponte pra cá, Sarau do Binho e o Festival 100% Favela são "próximos".
- Sarau Quintasoito e Ybira Samba são "isolados".
- Os cortejos IV Encontro Indígena e Território do Povo são "próximos" ao Festival 9ª Mostra Cultural Cooperifa.
- O Festival Percorso é próximo aos Cortejos do Boi e Ouro do Congo.

FREQUÊNCIA

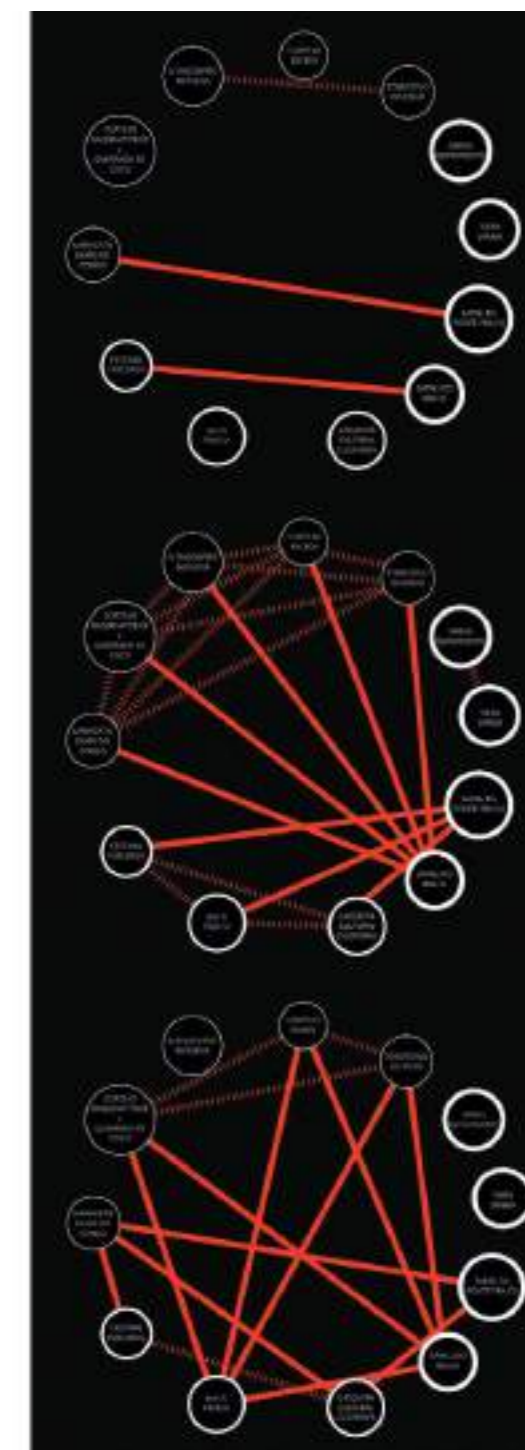
Variáveis: semanal, mensal, anual e esporádico. Os saraus são isolados.

- Os Festivais e os Cortejos Encontro Indígena e do Boi são "próximos".
- Os cortejos Baque-atitude, Ouro do Congo e Território do Povo são "próximos".

Nº DE PARTICIPANTES

Variáveis: 0 – 30, 40 – 60, 80 – 200 e 2000 – 10000 participantes.

- Os Festivais são isolados.
- O Sarau Ybira Samba é "próximo" aos Cortejos Território do Povo, do Boi e Ouro do Congo.
- Os Saraus da Ponte pra cá e Quintasoito são "próximos" ao Baque-Atitude.
- O Sarau do Binho e o Cortejo Encontro Indígena são "próximos".



INTEGRAÇÃO VISUAL

- Cortejo Ouro do Congo e Sarau da Ponte pra cá são "próximos", mesmo tendo geometrias diferentes (linear e poligonal, respectivamente).
- Festival Percorso e Sarau do Binho são "próximos", mesmo tendo geometrias diferentes (linear e poligonal, respectivamente).
- Os Cortejos Encontro Indígena e Território do Povo são "próximos".

GEOMETRIA

Variáveis: linear, poligonal e pontual.

- Sarau Quintasoito e Ybira Samba são "isolados".
- Sarau do Binho é "próximo" a todos os cortejos.
- Sarau da ponte pra cá é "próximo" a todos os festivais.

Ou seja, apenas os saraus variam.

VIZINHANÇA

Variáveis: predominantemente residencial horizontal e vertical, não residencial horizontal, uso misto horizontal, residencial horizontal e não residencial horizontal e vertical.

- Não há um padrão de vizinhança por tipos de eventos.

GRID

cenários futuros

Foram identificadas diversas propostas para a região próxima a nova unidade do Sesc; propostas com intenções bem distintas entre si e por diferentes agentes e fases de implementação. Listaram-se brevemente, e de forma cronológica, os principais projetos de transformação que podem afetar a região nos próximos anos:

— Projeto de Intervenção Urbana (PIU) dos terminais Campo Limpo, Capelinha que tem como diretriz o reordenamento do transporte público e a transformação dos terminais de ônibus como polos de requalificação da região em que se situam;

— O Plano de Ação Integrada Morro do S que pretende reestruturar o assentamento ao longo do Córrego do morro do S, implantando áreas verdes, canalização do córrego e oferecimento de novas unidades habitacionais;

— Eixo de Estruturação Urbana (EETU), proposta do plano diretor ao longo dos corredores de transporte público, incentivando novos projetos imobiliários, promovendo o uso misto – conservando o térreo como espaço de fruição pública – e propondo uma maior verticalização e adensamento populacional;

— A extensão da linha 5-lilás do metrô de São Paulo que visa conectar essa linha não apenas às linhas 9-esmeralda da CPTM, mas também às linhas 2-verde e 1-azul do metrô, pressupondo com isso ampliar a macro acessibilidade da região ao conectá-la diretamente com outras regiões centrais da cidade;

— Operação urbana Arco do Jurubatuba, que propõe priorizar os investimentos em desenvolvimento urbano na região sul da cidade mediante ampliação do direito de construir, que vão do adensamento populacional, melhorias viárias e do espaço público, além privatização do Autódromo de Interlagos da construção de novos edifícios;

Com o território do entorno do Sesc Campo Limpo em perspectiva de transformação, o painel cenários futuros foi pensado para instigar uma discussão, já que a pesquisa não se colocava ali como produto final e sim como investigação sobre as expectativas e receios dos visitantes em relação a projetos para a área.

Entendida como ponto de partida para oficinas e discussões, o poder de influência da pesquisa foi questionado, diante de críticas e receios e esperanças e desejos a respeito da nova unidade.

CENÁRIOS FUTUROS

SAIBA O QUE VAI TRANSFORMAR A REGIÃO

PROJETOS PÚBLICOS

PIU

O Projeto de Intervenção Urbana dos terminais Campo Limpo, Capelinha e Princesa Isabel, se encontra em fase de consulta pública. Tem como diretrizes o reordenamento do transporte público, ações para o aumento do conforto do passageiro e a transformação dos terminais de ônibus em polos de requalificação da região em que se situam. É uma ação da Prefeitura do Município com previsão de execução mediante parceria público-privada, no âmbito de um área de 1200m de raio.



MORRO DO S-4

O Plano de Ação Integrada Morro do S4 faz parte de um concurso promovido pela Prefeitura Municipal de São Paulo e pretende reestruturar um assentamento localizado ao longo do Córrego do Morro do S4. Em andamento desde 2011 o projeto pretende implantar áreas verdes, canalizar o córrego e oferecer 178 novas unidades habitacionais a serem ocupadas pelas famílias da mesma área.



EIXO DE TRANSFORMAÇÃO

O plano diretor propõe a criação de Eixos de Estruturação Urbana — EETU — ao longo dos corredores de transporte público de grande e média capacidades. Isso se dá a partir de diversas medidas do poder público através de concessão do direito de construir a novos projetos imobiliários. Propõe-se uma maior verticalização e adensamento populacional e construtivo dessas áreas, vinculados à promoção do uso misto (habitação/comércio), à criação de espaço de fruição pública e alargamento do passeio público.



METRÔ

A extensão da linha 5-Lilás do metrô de São Paulo é de responsabilidade do Governo do Estado. As obras estão em andamento e visam conectar o traçado existente não apenas à linha 9-esmeralda da CPTM, mas, também, às linhas 2 verde e 1 azul do metrô. Essa obra promete ampliar a macroacessibilidade da região ampliar a ligação com outras regiões da cidade.



ARCO JURUBATUBA

Delimitada ao longo de uma extensa e ampla faixa territorial de 1.400 ha, em grande medida situada na margem direita do rio Pinheiros, abrangendo porções dos bairros de Vila Andrade, Santo Amaro, Jurubatuba e Interlagos, esta operação urbana propõe priorizar os investimentos em desenvolvimento urbano na região sul da cidade mediante ampliação do direito de construir. Dividida em seis setores, as propostas referentes a eles vão do adensamento populacional, implantação do vetor de negócios, melhorias viárias e do espaço público, além da privatização do autódromo de Interlagos para construção de novos edifícios. O plano está em fase de consulta pública.



O território do entorno do SESC Campo Limpo está em constante transformação. Diversos agentes, institucionais, públicos e privados têm pautado propostas de transformação para a área. Com objetivos, temas e escalas diversas tais propostas não necessariamente partem dos mesmos pressupostos

e se sobrepõem, variando de acordo com o agente proponente e o estágio em que se encontra a intervenção. A seguir são listados brevemente e em ordem cronológica de início os principais projetos de transformação que podem afetar a região nos próximos anos.

PROJETO SESC CAMPO LIMPO



REFLEXÕES

A Etapa 6 da pesquisa Cartografias das Territorialidades Culturais contemplou um CRUZAMENTO das informações alcançadas e produzidas nas etapas anteriores com a percepção e concepções dos atores sociais envolvidos na relação que o Sesc Campo Limpo estabelece com seu entorno. Dentre esses atores, destacam-se produtores culturais, funcionários do Sesc de vários cargos e frequentadores da unidade, cada qual trazendo um ponto de vista baseado em sua participação na pesquisa, leitura dos dados e em suas características e demandas particulares e individuais. Como estratégia de produção desse contato foi proposta a exposição Cartografia das Territorialidades Culturais, descrita anteriormente, e uma sequência de bate-papos e monitorias, levadas a cabo pelos alunos, professores e pesquisadores da Escola da Cidade.

Os bate-papos foram realizados durante os Sábados de Setembro, cada um programado para descrever e refletir sobre cada etapa da pesquisa. Por se tratar de um diálogo, os assuntos discutidos variaram de acordo com o público específico da atividade e seu interesse. No geral, foram eventos que contaram com uma média de 12 participantes, em sua maioria funcionários da unidade, eventualmente com a participação de frequentadores do Sesc e produtores culturais da região. Apesar do convite feito pessoalmente, através de visitas dos pesquisadores e entrega de uma versão resumida do relatório disponível até então, a participação dos produtores foi discreta. Ainda que tenham visitado a exposição em algum momento – em especial durante sua inauguração – os bate-papos de Sábado à tarde competiam com a intensa agenda cultural da região.

A primeira delas, realizada no dia 09/09 teve como objetivo a discussão dos aspectos físicos, urbanísticos e sociais sobre o território, a partir dos dados socioeconômicos e do levantamento dos mapas dispostos na Mesa do espaço expositivo. Focado na etapa CONSTELAÇÕES da pesquisa, foi mostrado como o raio de 3km, definido inicialmente de forma abstrata, se mostrou compatível com os aspectos físicos e simbólicos da região. Os bairros e regiões inicialmente definidos – Campo Limpo, Capão Redondo, Monte Azul, Jardim São Luis e Vila Andrade – sofreram algumas modificações ao deixarmos de lado a Vila Andrade e aproximarmos o Monte Azul e Jardim São Luis. Embora a Vila Andrade faça parte do raio definido a partir da unidade do Sesc Campo Limpo, ela oferece mais contrastes

que continuidades com os demais bairros e parece se estabelecer mais fortemente em relação a outros bairros, permanecendo “de costas” à área de estudo. Durante a oficina, as questões específicas sobre essa região da cidade foram reconhecidas como índices esperados para uma região periférica de São Paulo, ainda que diferissem do imaginário que acompanhou a região nas últimas décadas.

A segunda oficina, ocorrida no dia 09/09, tratou da etapa REDE e das análises decorrentes da etapa de campo da pesquisa. Em uma conversa com alguns frequentadores e funcionários do Sesc de várias áreas, foram trabalhadas as questões simbólicas do território, fazendo referência também às experiências pessoais dos participantes. Foi conversado sobre a nomenclatura dos bairros e das narrativas simbólicas que diversos atores negociam para a cidade. Um dos participantes, morador da região, contou que a área em que se localiza o Sesc hoje não fazia parte do que ele entendia por Campo Limpo, constituindo na verdade um vazio na região – um entorno que para ele não pertenceria a bairro nenhum. Comentou-se também sobre como hoje ninguém tem dúvida de que aquela região é o Campo Limpo também por ação da existência de diversos grandes equipamentos que trazem o termo em seu nome: a Subprefeitura, um shopping, uma estação do Metrô e o Sesc. O mercado imobiliário também atua nessa disputa simbólica, como foi lembrado durante a conversa, sendo um exemplo muito claro a existência de condomínios e prédios que trazem o termo “Morumbi”, procurando ampliar ou trazer consigo as características de uma região mais valorizada da cidade.

Por outro lado, o estigma associado ao bairro do Capão Redondo leva a dois movimentos opostos: em certa medida, há atores sociais que evitam essa nomenclatura para determinadas regiões para não se associar às características negativas de um bairro que já foi conhecido como o mais violento de São Paulo. Enquanto isso ocorre, entretanto, os produtores culturais locais e os movimentos sociais e políticos da região, invertem o sentido negativo do termo periferia, transformando-o de estigma em marca. O Capão Redondo, nesse sentido, passa a se associar às ideias de resistência, intensa produção cultural e se torna motivo de orgulho. É emblemática a existência de uma marca associada a movimentos culturais que valorizam o Fundão (uma espécie de periferia da periferia na região), transformando o território em motivo de ostentação – em bonés, camisetas, poesias, letras de música.

De forma semelhante, faz parte desse processo de valorização da periferia a já indicada inversão do ponto de referência na expressão “pra cá da ponte” (a periferia) e “pra lá da ponte” (o centro). Se a cultura periférica é colocada em evidência e valorizada pelos atores locais, há um esforço duplo. O que se busca é a disseminação de uma arte, uma estética e, no limite, uma forma de pensamento periférica para se contrapor à arte entendida como tradicional, localizada nos centros econômicos e legitimada por grupos sociais de prestígio e capitais financeiro, cultural e

social e também para se contrapor à cultura de massa, entendida como rasa e disseminada pelos meios de comunicação dominantes. A cultura periférica é entendida como resistência tanto à cultura de massa quanto à cultura “erudita”, ambas vistas como vindas do “centro”. Entretanto, como lembrado por participantes das oficinas, há também um desejo de ocupar os espaços centrais de arte com a arte periférica, garantindo recursos para que a produção cultural na periferia também possa ser vista como um caminho de profissionalização. Há uma tensão evidente entre essas perspectivas, sendo citados durante as oficinas casos de artistas periféricos que, ao atravessarem a ponte e passarem a ocupar espaços estabelecidos de arte, serem vistos com desconfiança por quem permanece na periferia. O Sesc, nesse sentido, é entendido como central nessa relação tensa, pois pode ser o ponto de entrada dessa arte periférica nos circuitos estabelecidos e com isso, permitir que a arte produzida na Zona Sul circule na rede Sesc, mas também fazer com que essa arte se afaste de seu território.

A terceira oficina, ocorrida no dia 16/09 tratou da etapa TIPOS, definição e análises subsequentes deste momento de campo da pesquisa. O esforço realizado nessa oficina foi de pensar as manifestações culturais, sejam as que ocorrem no território de estudo quanto as que ocorrem nas unidades do Sesc, do ponto de vista de sua configuração espacial. Os participantes da conversa puderam realizar reflexões sobre como o espaço é utilizado e adaptado para uma grande diversidade de práticas – cada um com demandas muito específicas. Os tipos de configuração espacial apresentados – sarau, cortejo e festival – representam modelos teóricos que reduzem a diversidade das manifestações a suas mínimas características que possam dar conta do universo pesquisado.

Essa reflexão permitiu aos participantes da oficina pensar sobre como os aspectos arquitetônicos e espaciais podem influenciar, incentivando ou desestimulando, determinadas práticas e usos. A própria unidade do Sesc Campo Limpo serviu como exemplo para se pensar essa questão. Foi comentado que a rua interna e o grande espaço sem construções fixas cria uma continuidade do espaço interno do Sesc com a rua, incentivando a ocupação por parte dos frequentadores. Foi exposta a preocupação sobre a entrada da unidade ser capaz de “assustar” os visitantes, fazendo-os sentir que o lugar não é para eles. Um dos participantes citou que, mesmo na unidade que existe hoje, algumas pessoas que entram pela primeira vez procuram um funcionário para verificar se podem entrar. Foram citadas outras unidades do Sesc em que a entrada cria um receio no visitante que ainda não conhece a instituição.

Foi realizada ainda uma reflexão sobre de que forma os tipos sarau, cortejo e festival podem orientar a criação dos futuros espaços internos do Sesc. Os participantes reconheceram a importância de lugares abertos e amplos, como o que há na ocupação atual da unidade, e de se considerar os caminhos, ruas internas e corredores, como possíveis

lugares de atividade, programação e convívio por parte dos frequentadores do Sesc. Curiosamente, ao se pensar no tipo sarau, a discussão foi deslocada do espaço para as regras de ocupação e uso da unidade, para a necessidade de se criar uma relação com o público que permita ao Sesc abrigar e acolher manifestações espontâneas, e, em alguns casos, agilizar o processo de programação.

A última oficina, baseada na ideia de CENÁRIOS FUTUROS, serviu como encerramento das reflexões, munindo-se daquilo que fora discutido nos encontros anteriores. Foram apresentados alguns projetos para o futuro da região, dando ênfase aos diversos agentes que propõe essas intervenções e ao frequente descompasso entre o que é proposto por cada um dos projetos. Uma ponderação feita durante a oficina é a de que por mais que os projetos urbanos afetem a vida dos moradores locais, eles não são atores passivos nesse processo, atuando de forma ativa seja tensionando as modificações propostas (ainda que com pouco poder no debate público), seja criando arranjos criativos para minimizarem os possíveis efeitos negativos dos planos urbanos. As decorrências da implementação do próprio Sesc foram colocadas em questão uma vez que a unidade faz parte de um conjunto de grandes equipamentos na região (junto a um shopping center e uma estação do metrô) e pode afetar também seu entorno, contribuindo com um processo já visível de gentrificação.

As monitorias foram organizadas pelo Sesc Campo Limpo a partir da contratação dos pesquisadores da Escola da Cidade, para permanecer no deque durante três horas às Quintas, Sextas, Sábados e Domingos, realizando atendimentos com visitantes eventuais e podendo atender também escolas e grupos de forma mais atenta. Apesar de seu propósito inicial, as monitorias se mostraram um momento fundamental para acessar de forma privilegiada as dinâmicas de uso do Sesc e perceber as relações e reflexões provocadas pela exposição.

Nesta seção do relatório, serão apresentadas as reflexões oriundas das vivências nos bate-papos e monitorias. Essas reflexões têm como objetivo reconhecer as diferentes recepções que a pesquisa teve e analisar as expectativas dos atores envolvidos no processo e descrever os usos não planejados e a relação que o público estabeleceu com a exposição, com o próprio deque e com o Sesc como um todo, de modo a fornecer ainda mais dados para o projeto arquitetônico e para os funcionários e gestores da unidade.

A experiência da devolução dos dados foi bastante positiva no geral: frequentadores do Sesc, produtores culturais e funcionários reconheceram e expressaram sua importância. Esse reconhecimento pode ser entendido não apenas em relação aos dados expostos, mas principalmente à disposição de diálogo e aproximação que significava na relação entre o Sesc e seu entorno. O elogio à ação não necessariamente se direcionava ao conteúdo exposto nos painéis, mas era expresso também por quem “passava os olhos” sem se deter no conteúdo do material.

A exposição, para algumas pessoas, não tinha importância pelo conteúdo que trazia, mas pelo caráter simbólico que assumia. Essa posição vai de encontro às primeiras experiências de pesquisa de campo na região, em que a postura de início era a desconfiança em relação ao Sesc⁹.

Nesse sentido – e também pelo esforço de divulgação realizado pelo Sesc Campo Limpo, que estampou a mandala da etapa REDE em vários meios, inclusive no painel de divulgação externo do Sesc e nas suas redes sociais – a exposição e o deque foram cenário para diversos frequentadores, que tiravam selfies com a exposição ao fundo e valendo-se dos degraus e bancos do deque. A presença dos pesquisadores na atividade de monitoria também era um atrativo – especialmente jovens e crianças os viam como diferentes e, por isso, dignos de interesse: conversas, brincadeiras e até mesmo flertes foram direcionados aos pesquisadores. Estes, por sua vez, se dedicavam a dois movimentos principais: aproveitar as interações que não nasciam por um interesse pelo material expositivo para conversar sobre os temas da pesquisa e observar as práticas dos frequentadores e sua relação com o território e com o Sesc.

Alguns visitantes, entretanto, geralmente mais ligados à produção técnica e científica da área, observaram a exposição como um modelo de análise de território – professores da rede pública de ensino, estudantes e professores universitários e alguns funcionários do Sesc se enquadram nessa categoria.

A presença dos próprios pesquisadores no papel de monitores da exposição, nesse sentido, foi um diferencial para garantir um atendimento mais específico para esse público da exposição. Ainda que em vários aspectos, a exposição tenha sido bem recebida, houve também uma perceptível rejeição por parte de alguns frequentadores.

“No dia da visita de vários ônibus escolares (por conta das atividades da Semana MOVE), o Sesc estava cheio de crianças e adolescentes. Duas garotas vieram para o espaço expositivo e em poucos segundos foram embora dizendo em alto e bom som: ‘que droga, só tem mapa!’ ”
[Relato de monitoria]

O tipo de linguagem mapográfica costuma estar associado ao ambiente escolar e não é necessariamente de fácil compreensão. Ainda assim, se mostrou mais atrativo que os textos dos painéis, muitas vezes ignorados pelos visitantes da exposição.

A rejeição também pôde se estabelecer a partir do reconhecimento do propósito da pesquisa – pensar o projeto da futura unidade definitiva. Uma interação foi particularmente interessante:

⁹ Em uma visita de campo a uma das territorialidades, realizada em junho de 2016, os pesquisadores foram cobrados para que se apresentassem de forma clara e explicassem seus objetivos e sua relação com o Sesc. Segundo esse interlocutor, “os traumas do Sesc Santo Amaro ainda não foram superados”, referindo-se ao processo de implantação da referida unidade e do levantamento realizado na ocasião. Em alguns momentos ao longo de nossa pesquisa, o assunto voltou à tona, servindo como ponto de comparação com o processo desenvolvido no Campo Limpo.

“Ele estava observando os mapas quando fomos conversar com ele. Ele quis saber sobre o que se tratava a pesquisa e explicamos sobre a parceria da Escola da Cidade com o Sesc. Ele focou na questão da elaboração e construção do novo projeto para a unidade e começou a fazer deboche sobre o quão demorado seria até que esse projeto ficasse pronto, e ainda mais até que a construção terminasse. Disse para a filha que eles perderiam o lugar de lazer conquistado, já que a unidade seria fechada para as obras. Ainda indicou a possibilidade de o Sesc “fechar as portas” para ele e para a filha quando a unidade definitiva estivesse pronta, perdendo assim o “espaço público” que tinha lá. Iniciou um diálogo com a filha (novamente em tom de deboche):

‘Quantos anos você tem agora?’

‘11 anos.’

‘E quantos anos vc acha que terá quando isso estiver pronto?’

‘Não sei, 15?’

‘Claro que não, pelo menos uns 20 anos, filha! Essas coisas do governo demoram anos para ficar prontas.’ ”

[Relato de monitoria]

O descontentamento para esse pai partia de vários pontos e mal-entendidos. Em primeiro lugar, há a confusão – muito disseminada – sobre o caráter público ou privado do Sesc. No Sesc Campo Limpo essa questão se coloca ainda mais forte pelo formato em que se dá a ocupação da unidade – associada a uma praça – e pelo conjunto de regras e programas ser reconhecido como menos rigoroso e restritivo que em outras unidades já consolidadas em uma construção definitiva. O Sesc, com essa confusão, herda as avaliações negativas e a descrença com o poder público. A rejeição era tão forte nesse caso que a pesquisadora não pôde explicar que se estudam formas de não restringir totalmente o acesso à unidade enquanto as obras estiverem acontecendo.

Este caso ainda apresenta uma sensação muito forte de pertencimento à unidade e de reconhecimento de uma disputa e negociação sobre o espaço. Para aquele pai, o espaço de lazer fora “conquistado”, verbo que lhe confere um papel ativo na relação com a instituição. Durante as oficinas e monitorias, esse papel ativo do frequentador se mostrou um padrão nessa unidade, com a existência de um canal direto de diálogo entre os jovens que fazem parte do Programa Juventudes da unidade e a gerência. Em um caso relatado durante uma oficina, foi negociado um espaço para o skate na unidade a partir de um abaixo assinado organizado pelos adeptos da prática.

Durante o período de exposição, o material foi objeto de escrutínio dos diversos atores que fizeram parte da pesquisa. Em alguns casos, houve um estranhamento das informações consideradas desatualizadas. Esse retorno por parte do público – em especial daqueles envolvidos com a rede de produção cultural local – é muito interessante e vai ao encontro do que foi trazido na etapa REDE, em que se ponderou que o diagrama apresentado sobre a rede é um retrato momentâneo e a partir do que foi possível captar pelos pesquisadores, sendo mais importante reconhecer as lógicas de produção dessas alianças e articulações. Como foi possível perceber, a rede é viva e se altera cotidianamente a partir da ação dos indivíduos e instituições que dela fazem parte.

De acordo com os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, a representação da rede se dava de forma necessariamente parcial e momentânea. A rede – ou de forma mais precisa, as redes sobrepostas de relações entre agentes culturais, indivíduos e entidades – é viva e se altera cotidianamente, com a entrada de novos nós e a criação ou rompimento de relações. O retrato da rede, tal qual percebida pelo corpo de pesquisadores durante um período curto de tempo, não tinha como propósito descrever de forma enciclopédica as relações em rede, mas auxiliar na identificação dos atributos que circulam por esses nós e da lógica de funcionamento e transformação desse organismo.

A percepção de uma rede desatualizada foi motivo de reclamação por parte de alguns visitantes da exposição e também de comentários jocosos e chacotas entre os participantes dessa rede, que se provocavam dizendo que um não falava com o outro porque não havia uma linha interligando-os na peça gráfica. Em uma rede que se transforma constantemente, o retrato preciso de um momento se desatualiza de forma quase instantânea. Ainda que imprecisa e desatualizada, foi possível perceber que a rede, expressa graficamente, permitiu que seus participantes refletissem sobre essa forma de organização tão óbvia que se naturaliza em muitos casos. Nas oficinas, em tom anedótico, os pesquisadores explicaram que ao chegar com a hipótese de que os produtores culturais locais se organizariam desta forma, a resposta dada por eles foi taxativa: por acaso existe outra forma de se organizar? Na exposição, monitoria e bate-papos essa forma de organização óbvia (para quem dela participa) foi colocada em evidência.

Nesse sentido – já antecipando um efeito previsto e desejado para a unidade definitiva do Sesc – o espaço expositivo passou a integrar a rede, servindo de ponto de divulgação e busca por contatos. Muitos frequentadores procuravam os pesquisadores para saber mais detalhes sobre os eventos da região, sugerindo até que houvesse uma agenda de eventos que pudesse ser divulgada. Uma mulher que frequentava o Sesc com sua filha, procurou a exposição com muito interesse pela produção cultural local que não era de seu conhecimento. Identificava nessa cultura uma semelhança com uma ideia de resistência da qual era simpática.

Pudemos perceber que o espaço do deque e do contêiner da exposição assumiram diversos papéis, não só no cotidiano da unidade, mas também dentro dessa rede de produção cultural. Os bancos do deque, por exemplo, serviram como aparato para brincadeiras das crianças – sejam aquelas do programa Curumim ou visitantes eventuais, o espaço de abrigo e com tomadas, serviram para reuniões de alguns jovens em dias de chuva para estudar, jogar ou conversar. Logo na entrada, o deque tornou-se visível a todos as pessoas que acessavam o Sesc.

Diante das questões levantadas, entendemos que a pesquisa realizada, explorando o território em que o Sesc Campo Limpo se organiza e a observação e vivência da unidade como se constitui atualmente, servirão de base para a reflexão espacial e para orientar o projeto arquitetônico da futura unidade definitiva.

PARECERES E RECOMENDAÇÕES

pontos de atenção

“Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempo, mesmo de superfície ou volume reduzidos”.

(DELEUZE in PELBART, 1995)

Esta seção do relatório busca chamar a atenção sobre pontos que talvez resumam as formas e modos de relação entre território e territorialidades culturais que se puderam ser inferidas ao longo do processo de pesquisa.

São elas que podem trazer matéria de reflexão, elaboração e provocação conceitual e programática para o desenvolvimento do projeto arquitetônico da nova unidade do Sesc, que, por definição adotada pela direção daquela entidade, se quer, *“por meio de uma metodologia acadêmica participativa”*, uma iniciativa *“inovadora e pioneira, norteadas por pesquisa de campo e intervenções educativas”*

(CONTRATO nº 12.511 firmado entre Sesc e Escola da Cidade).

Então desde logo, o desafio que se colocava era a da “tradução” da pesquisa de campo em matéria projetual. Daí falar-se aqui de uma espécie de metalinguagem, uma linguagem que medeia as informações empíricas, a reflexão crítica decorrente e a linguagem projetual arquitetônica propriamente dita. Portanto, associadas à descrição e análise etnográfica da (SEÇÃO 3 deste relatório), vêm as observações que seguem, trabalhadas em chave técnica (por meio de categorias referentes à mobilidade, ocupação, continuidade) e conceitual (mediante as figuras da multiplicidade, simultaneidade, metaterritorialidade, fertilização cruzada). Dizem respeito sobretudo à relação entre os espaços livres no sentido e potencialidade do “devir-cidade” do Sesc. É como se o Sesc se “poli(s) nizasse”. Para isso, talvez seja preciso perceber as coisas pelo meio, em seu entre (*in between*).

acessibilidade e atração

A macro-acessibilidade é *“função da abrangência espacial e da operação do sistema viário e do sistema de transporte coletivo”*, levando em conta sobretudo os tempos de espera, de viagem e de deslocamento entre veículos. Já a micro-acessibilidade é *“função das facilidades de acesso entre os locais de origem e destino das viagens e os veículos em que estas serão realizadas”*, esta diz respeito aos tempos, à segurança e ao conforto desse deslocamento. Portanto, diz respeito a calçadas largas, pontos de parada de embarque e desembarque próximos e vias com largura pequena para reduzir a velocidade dos veículos, tudo isso com o fim de privilegiar o deslocamento pedestre (NIGRELLO, 2012).

Como se viu no relatório P2 CONSTELAÇÕES, a questão da acessibilidade no interior do perímetro de mapeamento, fortemente condicionada pelo relevo e, logo, pela configuração de rede viária extremamente segmentada, irregular, com fortes declividades e curvas fechadas, constitui dificuldade generalizada para a mobilidade em geral e para o transporte público em particular. Tal quadro seleciona as áreas planas ao longo da várzea do córrego Morro do S (precisamente onde situa a unidade do Sesc Campo Limpo) e aquelas, de cumeeira, lindeiras à estrada do Campo Limpo, próximas aos limites municipais, bem assim as “transversais N-S” que as interligam (avenidas Carlos Lacerda, Estrada do Campo Limpo, Nelson Brissac), como aquelas onde (não fosse o trânsito extremamente sobrecarregado, até pela falta de opções) se concentram as principais linhas de escoamento dos fluxos de ligação e de passagem da região.

Tal condição é enfatizada pela presença de dois terminais municipais de ônibus (Capelinha e Campo Limpo) e, sobretudo, pela implantação da Linha Lilás do metrô (estações Capão Redondo e Campo Limpo), que, com previsão de expansão e de interligação com as linhas Azul e Verde, aumentará decisivamente a capacidade de (macro) acessibilidade da e à região.

Tal quadro de mobilidade ao longo dos referidos eixos estruturais constitui forte fator de localização, atraindo para seu entorno usos não residenciais, públicos e privados, e (ainda em menor proporção) edifícios residenciais. Daí, mesmo que afetem e sejam afetados apenas indiretamente pelo projeto da nova unidade Campo Limpo, pode-se observar, como tendência (ou coincidência) contextual, os seguintes pontos:

— a proximidade de locais de manifestação cultural, isto é, das aqui denominadas TERRITORIALIDADES CULTURAS, em relação aos pontos de maior acessibilidade e, logo, por extensão, de componentes ou equipamentos urbanos de referência como são a praça do Campo Limpo, os CÉUS etc. Diante dessa situação cabe uma hipótese pela qual, da mesma maneira que se tem uma CONSTELAÇÃO Campo Limpo, pode-se pensar em uma CONSTELAÇÃO Sesc;

— o aumento do potencial de acessibilidade da região advindo da expansão da linha Lilás do Metrô, se de um lado, multiplica as possibilidades de conexão da região e alarga as escalas de abrangência espacial urbano-metropolitana, por outro lado, por isso mesmo, cria condições objetivas para a implementação dos instrumentos de verticalização construtiva e adensamento populacional previstos no Plano Diretor Estratégico de 2014: dentro da desejável política de buscar aproximar moradia e trabalho, a lógica perversa aí embutida (tendo em vista racionalidade do mercado) pode acarretar justamente substituição da população moradora e das atividades mais tradicionais de âmbito local ou regional. E, portanto, impedir, ou pelo menos, dificultar, pelo aumento dos valores imobiliários, a efetuação da hipótese arrolada acima, restando, seguir – e monitorar – a dinâmica que os efeitos Sesc e projetos públicos mais investimento privado impulsionarão no processo de localização das pessoas em geral, e, mais especificamente, das TERRITORIALIDADES CULTURAIS, existentes e por vir;

— a questão do último quilômetro, ou seja a das condições de (micro)acessibilidade, que suportam os percursos que ligam os lugares de atividades e as linhas de transporte (estações, pontos, estacionamentos etc.), no território da prefeitura regional em questão apresentam-se extremamente problemáticas (largura, declividade, pavimentação, iluminação dos passeios públicos). Seja como for, a porção ao sul da Estada do Campo Limpo é aquela que apresenta, pela sua geometria, os traçados com melhores indicadores de integração (“go-to”), ou seja, indicadores que se rebatem empiricamente na possibilidade de deslocamentos pedestres mais numerosos. A atenção que o projeto pode (e deve) reivindicar por seu melhoramento, não dá para se dissociar da necessidade de completa reconfiguração dos espaços públicos, na margem esquerda do córrego, que se encontram sob a projeção da linha elevada do metrô;

— a contemporaneidade obriga a reconhecer que além dos fluxos materiais (pessoas, bens, recursos etc.), os fluxos imateriais (informação e comunicação à distância, principalmente) põem em primeiro plano a questão da conectividade e da simultaneidade a escalas absolutamente inéditas. Ademais, nessa rede, os nós, ou os lugares de concentração e interconexão de atividades e circuitos, desempenham papel fundamental na reorganização do território. Território que, no caso da prefeitura regional do Campo Limpo, em geral, e do campo mapeado das TERRITORIALIDADES CULTURAIS, em particular, é marcado pela cisão ou divisão simbólico-política entre o povo e suas manifestações “da ponte-prá-cá” e da “ponte-prá-lá”. A nova unidade como parte constituinte da rede Sesc reuniria todas as condições de redimensionar e rearticular a conectividade, a permeabilidade e acessibilidade entre esses dois territórios na medida se abrisse para a construção de novas pontes de geometria variável e linhas e pontos de interligação (a princípio, quem sabe) errantes e imprevisíveis: *work in progress*.

porosidade e permeabilidade

A noção de porosidade relaciona o vazio ao cheio, o não construído ao construído. Mais especificamente, é a fração do espaço no qual podem se dar deslocamentos. Então, é a relação entre a superfície das rotas (a serem percorridas por uma determinado modal – carro, bicicleta, trem, etc) e a área total onde elas se localizam. Obviamente, uma grande porosidade indica que o espaço disponível para a mobilidade é grande. Mas isso não implica que os deslocamentos sejam realmente favorecidos. Alta porosidade não corresponde a uma boa mobilidade. É o caso, por exemplo, quando poros (rotas) não estão conectados¹⁰.

A permeabilidade mede não só o nível de porosidade de um tecido urbano, mas também seu grau de conectividade. Esta, por seu turno, constitui a possibilidade de movimento entre as diferentes direções de uma via, que pode ser impedido pela existência de fraturas, ou interposição de barreiras (vazias – talvez mais permeáveis como parques, áreas rurais etc. – e sólidas – ou construídas) (SECCHI, VIGANÓ, 2008).

Seja como for, é fácil de imaginar que a alta porosidade é uma condição necessária, mas não suficiente para uma alta permeabilidade. Porosidade por si só não garante fluxos. É, portanto, uma medida da facilidade de travessia, ou, pelo contrário, da resistência a passar. Na verdade, como observado, se os poros, ou seja, os espaços disponíveis para o fluxo, são bolsões isolados uns dos outros, o fluxo não pode realizar-se. Para que haja fluxo, os poros devem estar interligados. A permeabilidade, portanto, mede não só o nível de porosidade de um tecido urbano, mas também seu grau de conectividade (ou seja, a possibilidade de movimento em diferentes direções, seguindo uma rota).

¹⁰ Do ponto de vista operacional, a porosidade de um meio é definida como a proporção entre o volume total de poros onde o fluxo se verifica e o volume total de referência. Porosidade é medida, portanto, sempre entre 0 e 1.



figura 5
foto tirada na unidade do
Sesc Campo Limpo

fonte:
GPEC, São Paulo, 2017

Ademais, ambas, porosidade e permeabilidade, podem referir-se, quando na escala arquitetônica a aspectos funcionais, visuais, acústicos e sociais (quando implica mecanismos de inclusão-exclusão, de permissão-proibição).

Do ponto de vista desta síntese-conclusão, esta digressão conceitual serve para observar que um aspecto de coerência urbanística que o projeto da nova unidade pode—deve contemplar refere justamente a contribuir com o aumento (de forma localizada, pontual é certo) da permeabilidade do território de influência.

Pode-se examinar visualmente e quantitativamente pela relação figura—fundo (RELATÓRIO 2) que porcentagem “área vazia/ área sólida = 0,75, é muita alta, mesmo porque não se considera de um lado, o que é privado (condomínios, glebas etc.), e de outro, o que é irregular (favela). Já quando se mede o lote ou a quadra como área sólida (figuras 5, 6, e 7), tem-se:

sólidos	area total distritos	área sólidos	% sólidos	% vazios
edificação	5.241,63m ²	1.337,35m ²	0,26	0,74
lote/quadra	5.241,63m ²	2.481,97m ²	0,47	0,53
lote/quadra /favela	5.241,63m ²	2.782,14m ²	0,53	0,47

Mas quando se toma apenas os logradouros públicos como “área vazia”, e, inversamente como “área sólida” a dos lotes edificáveis em cada quadra essa relação, ou melhor, a taxa de porosidade nos distritos de **Campo Limpo e Capão Redondo** roda em torno de **0,35** e a do **Jardim São Luís** em **0,5**. (TPCL, 2009). Para efeito de comparação, o distrito da Consolação na prefeitura regional da Sé, apresenta índice de apenas **0,25**.

Mas o que se há de notar é a inexistência de favelização neste último e, inversamente, como se viu, a altíssima proporção dela nos primeiros. A questão é que, por sua irregularidade/informalidade/marginalidade, tal condição torna as áreas de favela invisíveis ou inexistentes no cadastro municipal.

Portanto, contra a aparente, gráfica e quantitativa, alta porosidade dos três distritos em estudo, a situação empiricamente verificada é a de déficit e inadequação (como se observou sobre as características do traçado viário) das áreas livres públicas. Dessa forma, não é de surpreender que os espaços públicos de referência para a população local se concentrem em apenas três locais: Praça do Campo Limpo, Parque Santos Dias e cemitério do Jardim São Luís.

Na perspectiva experimental de se consolidar um projeto de unidade Sesc não apenas **no** Campo Limpo, mas, sobretudo, **do Campo Limpo, do Capão redondo e do Jardim São Luís**, não seria exagerado afirmar que (tendo em vista sobretudo as atividades culturais que se dão naqueles locais) este projeto deva ter como princípio e diretriz central a configuração coerente e generosa de espaço livre de intermediação cidade-arquitetura, o que passa também não só pela geometria da ocupação, mas também com a forma e os usos mediante os quais o prédio se relaciona com o solo.

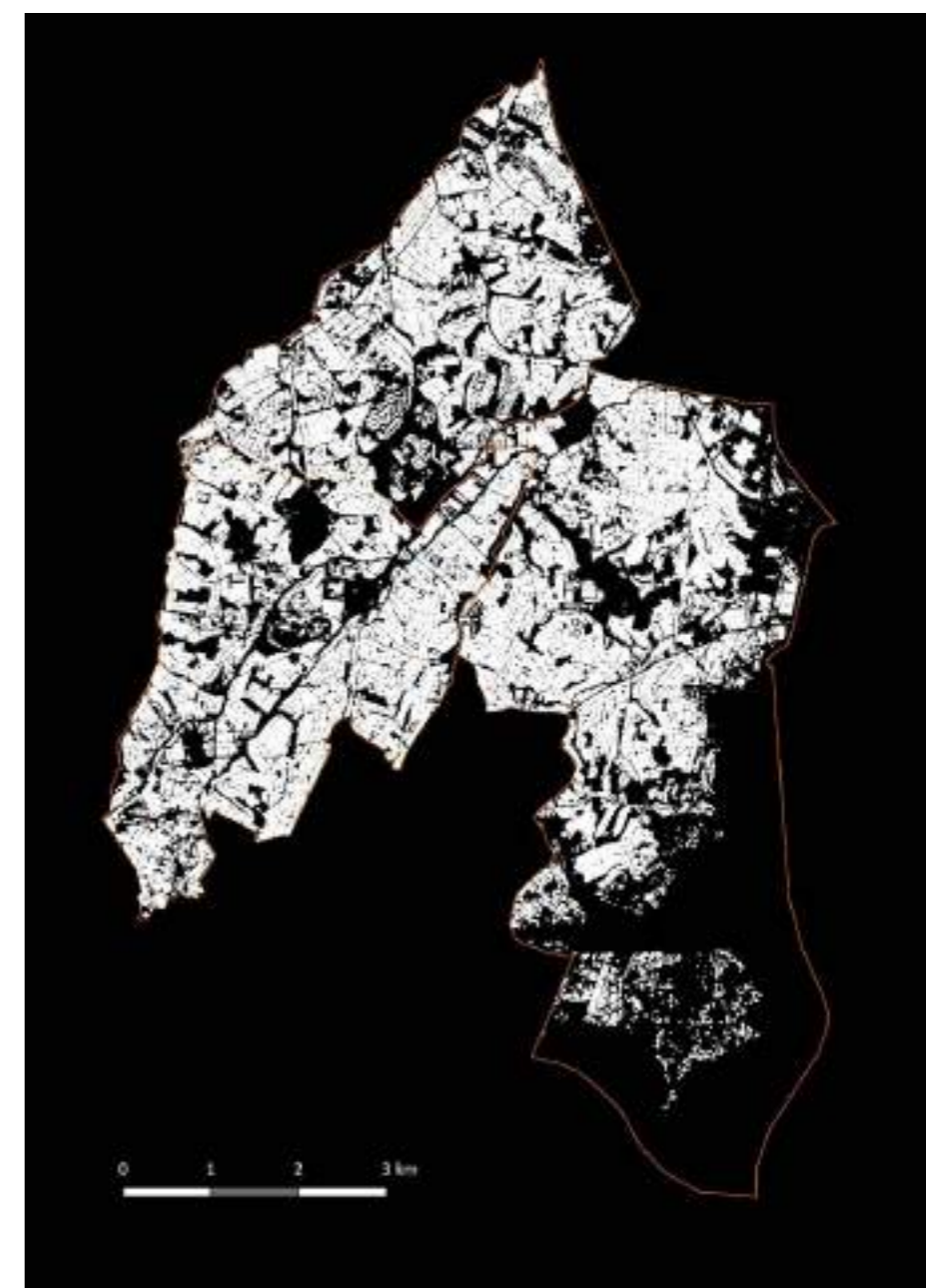


figura 6
Relação de porosidade -
edificação.
Fonte: SMUL, 2004.



figura 7
 Relação de porosidade -
 lote/quadra
 Fonte: SMUL/DEINFO, 2016.



figura 8
 Relação de porosidade -
 favelização.
 Fonte: SEHAB/
 HABITASAMPA, 2016.

mediação e continuidade



figura 9
foto tirada na unidade do
Sesc Campo Limpo
Fonte:
GPEC, São Paulo, 2017

O privado retrata o sistema de propriedade e direitos do cidadão individual, enquanto o público, por sua vez, apresenta a imagem social de uma cidade. Ainda assim, a urbanidade e a criação de memórias coletivas se dão com maior expressão em espaços contínuos onde o limite público x privado parece diluir-se como força mediadora de diferenças sociais (SOLÀ-MORALES, 2005).

Viu-se ao longo do trabalho, relatadas principalmente no P3 REDE e sistematizadas no P4 TIPO e P5 GRID, diversas configurações de ocupação espacial que contrapõe essa dicotomia, onde o que interessa não é, de fato, a propriedade mas a apropriação e operação desses lugares, híbridos, onde a noção de coletivo/comum predomina em um espaço contínuo, sem limites definidos. São nesses lugares de apropriações que a memória coletiva se constrói (SOLÀ-MORALES, 1992).

As TERRITORIALIDADES analisadas se organizam, por vezes, em casas ou associações privadas mas produzem eventos de caráter público, como uma verdadeira extensão da rua, e, quando em espaço público, contam com ocupações privadas que estabelece nichos específicos de comércio e serviço operando com o convívio público. Podemos ver então um caráter híbrido/coletivo que aparece, de certa forma, como mediador de um modo próprio de ocupar essas TERRITORIALIDADES, onde a questão de propriedade dilui-se.

O Festival Percuro (figuras 8 e 9), na Praça do Campo Limpo, segundo seus organizadores, tem por objetivo “fortalecer e expandir as ações da juventude periférica (e os povos tradicionais) para geração de renda, trabalho e desenvolvimento local”. O Festival é organizado como uma

feira onde são expostos e comercializados serviços e produtos culturais e da economia solidária, de alimentação, de moda e de artesanato.

Para “encher de gente” a praça do Campo Limpo, os promotores apostam na apresentação de músicos, montando barracas e palco que reorganizam transitoriamente o espaço da praça, ocupando inclusive a área das vias. O polígono que circunscreve a praça do Campo Limpo é definido, de um lado por vias estruturais e de outro, por ruas locais, sendo que o Festival se volta para dentro da praça, dá as costas para o intenso movimento das avenidas, conferindo relativa unidade e continuidade espacial a ele: os espaços abertos da praça e das ruas internas se fundem como o espaço do festival.

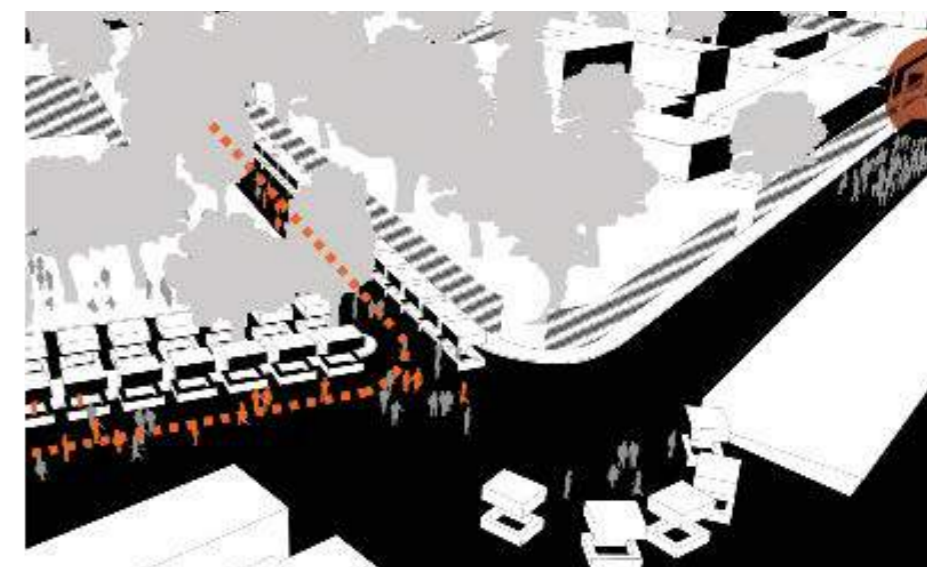


figura 10
Perspectiva
Festival Percuro

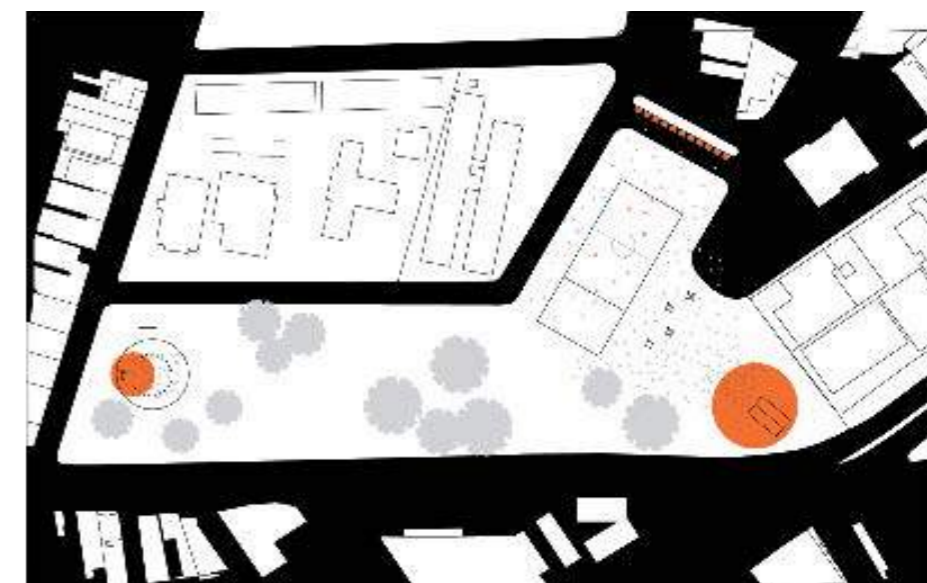


figura 11
Planta
Festival Percuro.

Outro exemplo que explicita a relação inversa, é o evento que ocorreu no CITA em comemoração aos 6 anos do maracatu Ouro do Congo (figuras 10 e 11). O cortejo saiu pelo portão da sede e caminha até a Praça do Campo Limpo, onde várias pessoas aos poucos param para observar. Depois da apresentação, quem estava na praça assistindo ao cortejo foi convidado a entrar e conhecer o espaço e participar da festa, sempre com a orientação: “Não paga para entrar, só precisa de sorriso”, expondo assim a tentativa de continuidade do que estava acontecendo no espaço público.

Estes dois casos, representantes de um padrão reconhecido na região, apontam relações importantes paradigmáticas para o projeto da nova unidade. A continuidade, ou limites indefinidos, de um espaço que não se define público nem privado, mas coletivo, de operação onde aflora a força e a condição de criar memórias comuns, eventos desburocratizados e ocupações inesperadas, todas elas de livre acesso.

É notável que o Sesc, tendo caráter privado, muitas vezes desenha esses espaços coletivos, mas poucas ocupações conseguem de fato ser contínuas a ponto de mediar conflitos entre público e privado e oferecer possibilidades coletivas sem restrições impostas por barreiras de propriedade ou de funcionamento programático. Assim, abre-se a oportunidade para que a nova unidade, em um corte transversal que vai da rua até o limite do lote, apoie-se nessas questões características das TERRITORIALIDADES CULTURAIS locais para pensar um projeto que, segundo Solà-Morales, inclua condições de espaços coletivos que não sejam internos ao edifício mas relação de mediação com a cidade, possibilitando melhor equacionar a transição ou graus de continuidade entre o público e o privado.

Público / privado : coletivo.

Dentro e fora: fronteira tênue e cambiante.

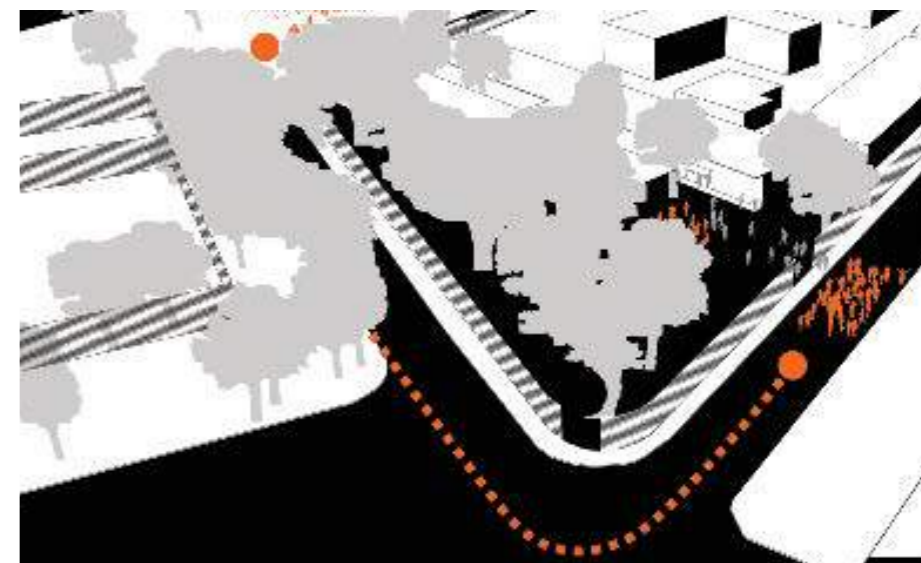


figura 12
Perspectiva cortejo
Maracatu Ouro do Congo

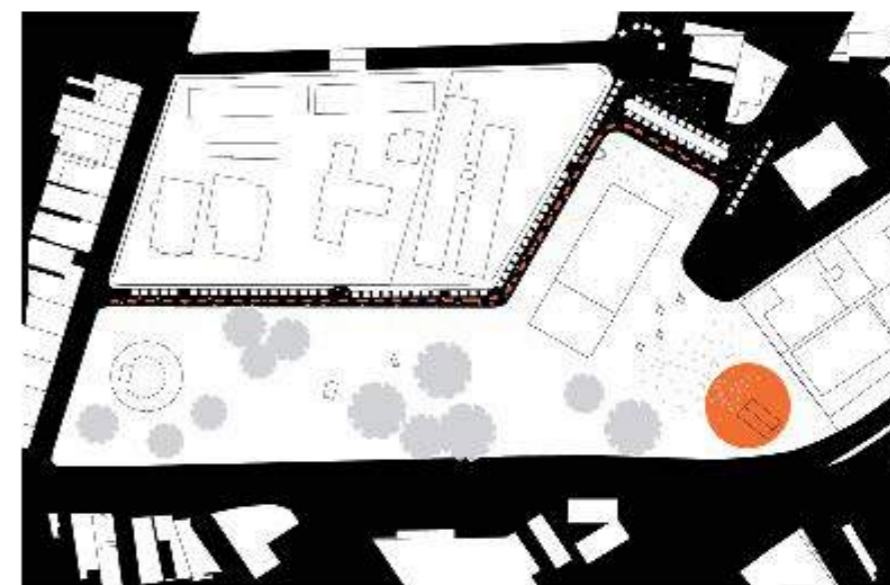


figura 13
Planta cortejo
Maracatu Ouro do Congo

metaterritorialidade

A Piazza del Campo, em Florença talvez seja um dos mais notáveis exemplos de lugar onde a variação e atualização do espaço urbano ocorre de maneira contínua, sucessiva e fecunda, não só no longo período, mas, sobretudo, no curto/curtíssimo intervalo. Do mercado medieval, ponto focal de convergência da vida pública da cidade, às corridas de cavalo ou um fim de tarde cheio de turistas.

De que a piazza é capaz? Que singularidades (geométricas, dimensionais, construtivas); que relações características; que operações, afetos e qualidades este espaço mobiliza?

Não é o caso de procurar, pelo menos aqui, respostas específicas de como este espaço público (mas não só ele, por exemplo o vão livre do Masp) se dispõe aberto às mais diversas e imprevisíveis manifestações, que refazem a cada vez, de forma menos ou mais transgressiva, seu território e código originário.

E nesse itinerário haveria que se perguntar se dá para imaginar qualidades (ou capacidades) do espaço construído que mediante operações que delas derivam ou as fazem possíveis desativam, transgridem, profanam (no sentido que lhe empresta Agamben) a norma ou os códigos estabelecidos de uso da cidade.

A noção de metaterritorialidade talvez ajude (SALES, 2010). Metaterritorialidade é expressão cunhada para dar conta de territórios que se desterritorializam, ou melhor, de territórios urbanos onde desterritorializações – desvios, derivas, fugas, imprevistos e contingências – se efetuam. Como propõem Deleuze e Guattari (1987) isso se dá por “descodificação dos meios, para extrair deles um novo território”.

“Metaterritorialidade quer falar de graus mínimos de organização das situações e disposições, e, portanto, da capacidade do território de suportar grandes modificações; quer falar de sua disponibilidade ou elasticidade à diferenciação, além de tratar das operações que lhe correspondem: deslocamento (abertura à alteridade), disjunção (heterogeneidade, colisão) proliferação (hibridização por aliança, sem qualquer filiação possível)” (SALES, 2010).

Se hoje o espaço – estetizado, marquetizado, sobreprogramado – nega direito ao rarefeito, ao indeterminado, ao vago, à sobriedade, talvez os vazios, os interstícios e as bordas – os “terreiros” e “clareiras”¹¹ – constituam oportunidades raras, pluripotenciais (como células-tronco), de respiro e improvisação; reservas de virtualidade e de atualização, diversas e imprevisíveis.

¹¹ Terreiro: terra de ninguém – não tem dono e não tem forma acabada – e terra de todos – usufruída de modo coletivo e contingente (SALES, 2010)

¹² A rigor, como caso concreto de metaestabilidade, ou seja do processo contínuo de individualização, de como um indivíduo constantemente está se individualizando, para além da combinação já instituída da combinação de forma e matéria, o parangolé (OITICICA,) constitui obra que requer a participação corporal direta; além de revestir o corpo, pede que este se movimente, que dance em última análise (JAQUES, 2008). Cessado o movimento dança, o ato se conclui e desativa o objeto (SALES, 2010)

Para Oiticica http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/home/dsp_home.cfmindex.php#1

Grau zero de forma e código, catálise de relações imprevisíveis, dissolvendo os limites, barreiras e fronteiras socioespaciais, a metaterritorialidade¹² é a “constituição de espaços-larvares, espaços-esboços, com baixo grau de codificação e formalização, sempre em formação e inconclusos ao mesmo tempo, como lugar de incubação e efetuação de novas e inauditas potencialidades [...]”

Tudo isso, como dupla captura ou desvio, isto é, como encontros ou conexões transversais de objetos heterogêneos, “parciais”, eles próprios capturados, desativados ou desviados para serem utilizados para outros fins; fins que não preexistiam anteriormente, nem podem ser pré-identificados por esquemas prontos, mas que só nascem em sua própria efetuação” (Id., Ibid.).



figura 14
foto tirada na unidade do Sesc Campo Limpo
Fonte:
GPEC, São Paulo, 2017

multiplicidade e simultaneidade

Se multiplicidade é, segundo a filosofia da diferença e do acontecimento de Deleuze, devir e heterogeneidade e um formigamento, uma inflamação, um enxame que opõem a diferença à repetição do idêntico, que escapa (enquanto pode) à captura e ao controle, à hierarquia e à segmentação ...

... e se simultaneidade, segundo Bergson, se poderia definir como “a intersecção e traço de união do tempo com o espaço”, talvez, apesar do esquematismo¹³ (ou superficialismo?) da abordagem conceitual acima, estas hipóteses possam servir de apoio para imaginar os vetores que atravessam e constituem as TERRITORIALIDADES CULTURAIS, seu funcionamento em rede (rizoma, por oposição ao modelo da árvore) e os graus de desterritorialização”.

Seja como for, diante da importância prática – e da alta complexidade subjacente – dos conceitos de multiplicidade e simultaneidade, talvez uma imagem possa ajudar:

“O xadrez é um jogo de Estado: as peças são codificadas, elas têm propriedades intrínsecas e movimentos próprios.

Os peões de go, ao contrário, são grãos, pastilhas, sem propriedades próprias, tudo depende da situação, do meio de exterioridade, de suas relações com nebulosas, constelações [...]

O xadrez funciona institucionalizado, regrado, codificado, indo de um ponto a outro; o go preserva a possibilidade de surgir em qualquer ponto. (PELBART, 2015).

As TERRITORIALIDADES CULTURAIS mapeadas, ou, muito melhor dizendo, as pessoas componentes de cada um desses coletivos parecem atuar do mesmo modo que as peças deste jogo chinês de estratégia: **enxameiam territorialidades**, compondo-as e recompondo-as incessante e transversalmente, ocupam, atravessam e ativam transitoriamente praças e ruas, e, incorporando-as e encorpando-as, dançam e as fazem dançar (cantar, poetar, jogar, comer...): multiplicidades ao mesmo tempo.

13. Esquematismo
2.FIL no kantismo, procedimento por meio do qual os conceitos puros do entendimento, utilizando-se de esquemas da imaginação, estabelecem uma conexão com a experiência sensível, viabilizando o processo cognitivo.
<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>

14 “Além da complexidade das questões que ele enfrenta, há também uma considerável gama de novos conceitos criados por Deleuze para construir uma nova “imagem do pensamento”. Um pensamento que consiga se desvincular da tradição da Representação que, desde Platão, não permite pensar a diferença sem estar subordinada à Identidade. Para subverter — ou seria perverter? — essa lógica da Identidade Deleuze vai dar valor às relações em detrimento dos seres, pensar o entre, o meio e não os termos” (KIMURA, 2015).

figura 15
evento do Saraú da Ponte pra Cá
Fonte:
GPEC, São Paulo, 2016



figura 16
Saraú do Binho no Sesc Campo Limpo
Fonte:
Ronaldo Domingues, 2017



fertilização cruzada

Retornar a Deleuze parece incontornável¹⁴. Para ele o devir é uma mescla de corpos “*uma núpcia entre reinos*” (DELEUZE, 2004). É riquíssima em implicações para todo este trabalho (embora, evidentemente, como todos enunciados desta seção, não de forma explícita, direta, mas nem por isso metafórica) a “clássica” ideia da aliança orquídea-vespa:

“A orquídea deixa-se contagiar pela vespa, ela se desterritorializa (saindo do território puramente de orquídea) e forma uma imagem de vespa nela mesma (devir-vespa e não imitar ou copiar), e a vespa se reterritorializa nesta imagem criada na orquídea.

Ela não faz isso porque quer imitar uma vespa, mas é uma captura, ela incorpora o movimento da vespa.

E a vespa faz o mesmo, é capturada pela orquídea, devém orquídea, não porque quer ser uma, mas porque quer ser apanhada por esse movimento”.
(FRAGMENTOS de INTENSIDADE)

Entre a vespa e a orquídea algo se passa que as liga. Uma forma de sintonia entre o reino animal e o vegetal. Há algo de vespa na partitura da orquídea e vice-versa. “A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen”
(DELEUZE, GUATTARI, 1987).

Mas como se compõe tal aliança, este plano comum sem que cada um dos termos copiem, representem ou imitem o outro?

Talvez a tradução desta ideia em termos da arquitetura seja o principal do desafio do devir-cidade **do Sesc do Campo Limpo, do Capão Redondo e do Jardim São Luís.**



figura 17
foto tirada na unidade do
Sesc Campo Limpo
Fonte:
GPEC, São Paulo, 2017

FECHAMENTO

COMO PONTO/PONTE DE PARTIDA

O encerramento deste trabalho de pesquisa, previsto como parte do termo de cooperação Sesc/Escola da Cidade, constitui antes ponto/ponte de partida que de chegada; meio e não fim. Não apenas como subsídio ou provocação para o projeto de arquitetura da nova unidade. Mas por sua própria natureza constituinte, ao registrar e tentar mapear e flagrar trânsito, fluxos, redes, constelações: coisas heterogêneas, mutantes, que mobilizam a região do Campo Limpo, de forma mais expressiva—intensiva—resistente.. Territorialidades Culturais.

A fim de delinear possíveis hipóteses e procedimentos, em sequência se pontuam sentidos e valores gerais a serem considerados na implantação da unidade definitiva.

pretensão inicial: duas linhas de deriva

A pretensão originária desta pesquisa— mapear o singular para tensionar o projeto de arquitetura — orientou-se segundo duas linhas teóricas, duas hipóteses complementares:

- uma, seguindo Guattari (2006), em favor da riqueza do possível, propunha uma ética e uma política do virtual que descorporifica, desterritorializa a causalidade linear, o peso dos estados de coisas e das significações que assediam a tudo, todos os valores, todos os outros modos de valorização, que acabam esmagados pelo peso da equivalência sobrecodificadora das palavras de ordem e/ou lógicas mais recentes do capital, sobretudo aquelas que buscam fundir atrativos culturais com ativos comerciais;

- outra, como dispõe Secchi (2006), se encontra o desejo de uma volta a um espaço urbano concebido pelos cidadãos não apenas como mero suporte de atividades precodificadas, mas também como ocasião para invenção de novas atividades ou de novos modos delas acontecerem, de seu desenvolvimento, de novas divagações e derivas. Mais do que áreas funcionais ou sociais, na cidade se torna possível reconhecer lugares atravessados e investidos por práticas diferentemente tematizadas e de temporalidades diferentes que, como seus diferentes protagonistas, se sobrepõem, intersectam, se dispersam e dissipam.

Talvez as duas idéias possam ser sintetizadas no enunciado disjuntivo não excludente: descodificar os meios para extrair um novo território. Territorialidades.

conteúdo técnico — mão e expressão semiótica —boca.

Nominados **territorialidades culturais**, os modos de povoar coletiva e criativamente o tempo, que se passa e se opera fora de casa, da escola, do trabalho etc., mostraram-se, para o objetivo específico da pesquisa, objeto-matéria absolutamente produtiva, metonímia necessária e suficiente da dinâmica e da expressão em ato de criação e resistência da população residente e atuante na área foco deste estudo. Portanto, em vez de método estatístico-sociológico, a pesquisa optou pela intensidade das vozes, pelo seu poder de contaminar e arrastar positivamente a periferia, seu modo de vida, sua cultura. O resultado disso constitui uma espécie de etnografia de possibilidades de relações comunidade—território que, embora não exaustivas, ajudam a revelar as dinâmicas sociais, culturais e urbanas nesta região da cidade.

matéria-prima: cruzar

Se o objetivo central da pesquisa sempre foi o de alimentar, subsidiar, tensionar e provocar o projeto de arquitetura da nova unidade DO Campo Limpo, DO Capão Redondo e DO Jardim São Luís, senão DA região sul, e não, apenas, NO Campo Limpo, o singular, a matéria, a linhagem a ser operada não é (não podia ser) outra senão a do conteúdo e da expressão próprias às territorialidades culturais. Que é o que distingue, reconhecidamente, a força específica do lugar e com a qual a nova unidade Sesc deve estabelecer aliança sob pena da redução da diversidade, das possibilidades intempestivas e imprevistas do encontro, da troca e da fertilização cruzada. Orquídeas e vespas e vice versa.

figuras

As figuras-conceito (ou quase conceito, pois não suficientemente abstratas) — constelação, rede, grid, cruzamento — permitiram e implicaram visadas que permearam, interligaram, contrastaram escalas, tempos, velocidades, processos e temas. Deixando ver os modos de organização coletiva e sua apropriação do espaço público, sempre de forma transitória, mobilizando procedimentos, modos ou tecnologias apropriadas para a criação e produção de transformações, de novas configurações e de novas subjetividades, individuais e coletivas, de resistência, ao mesmo tempo, cultural e política.

tradução

Como traduzir tais figuras, os conteúdos e expressões que as constituem e povoam técnica e semioticamente, bem assim seu *modus operandi* em redes de composições e geometrias variáveis (dada a própria mobilidade a emergência dos elementos segundo disposições e temporalidades diversas), é problema que talvez só o grau de desdobramento e apropriação em termos de projeto de arquitetura poderá aferir.

De um lado, a descrição que, recuperando as falas, posições, comentários registrados durante a interlocução dos pesquisadores com os visitantes da exposição, desenhou um panorama complexo. De outro, como em uma espécie de metalinguagem, uma transposição que interpreta essas figuras, seus conteúdos e expressões, inerentes ou derivadas. Tanto em chave operativa (visível, mensurável, configurável) da arquitetura e do urbanismo: porosidade e permeabilidade; continuidade e mediação; multiplicidade e simultaneidade. Quanto, em chave conceitual, trazendo as noções de metaterritorialidade e fertilização cruzada.

terreiro

Não será (?) simplista e redutor, a este estágio do conhecimento-proposição das territorialidades culturais, evocar/convocar a figura do terreiro como figura formalizadora, estruturadora e organizadora das formas (dos espaços e programas) do projeto da nova unidade.

Como dito em outro lugar (SALES, 2010), terreiro é terra de ninguém — não tem dono e, portanto, não tem forma — é terra de todos —, usufruída coletivamente. Territorialidades transversais e contingentes, híbridas entre o público e o privado, o sagrado e o profano, o exterior e o interior, o aberto e o construído. Espaço-esboço, precário e sóbrio, carente de composição estável, com coeficiente mínimo de organização. Descarregado de suas conotações festivas e religiosas ou rurais, a virtualidade do terreiro convoca possibilidades de atualização urbana. Não apenas como resgate de tipologias antigas (terreiros do Paço, Lisboa; Paço de Jesus, Salvador), ademais em contínua mudança e re-inserção na paisagem e funcionamento das cidades. Não imitação, nem identificação, mas captura: a rigor, dupla captura de segmentos heterogêneos e objetos parciais, desativados e desviados para serem usados para outros fins, fins que não preexistiam anteriormente, nem podem ser pré-identificados por esquemas prontos, mas que só nascem em sua própria efetuação.

Mas afinal é isso que precisa ser verificado em termos arquitetônicos e urbanísticos. O que o terreiro, assim delineado (com metaterritorialidade), teria a ver com a arquitetura e o urbanismo, muito mais afeitos à forma, à previsão e à representação estável, identificadora da cidade e

dos edifícios, que à inscrição dos corpos, e sua força supostamente desestabilizadora de normas e limites? A ideia de extração de novos territórios (ou territorialidades) poderia tentar estabelecer uma ponte entre essas posições, aparentemente tão refratárias uma à outra? Haveria, no conjunto dos materiais dos quais e com os quais são feitas as cidades (e a arquitetura e o urbanismo obviamente inclusos), uns mais fecundos, abertos e permeáveis à indeterminação e à infiltração do intempestivo? Haveria na cidade contemporânea composições mais abertas a torções e alianças, à alteridade, à colisão e à hibridização de elementos, de usos, de enunciados e sentidos?

Por tudo que se viu neste trabalho sobre as territorialidades culturais da região do Campo Limpo, o projeto da nova unidade do Sesc tem este desafio colocado.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN G.. Profanações. São Paulo BoiTempo: 2002.
DELEUZE, G. , “Prefácio para a Edição Italiana”, em Deleuze, G. Guattari, F, Mil Platôs, Rio de Janeiro, editora 34, 1995
DELEUZE, G., GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34: 1987
GUATTARI, F. Caosmose; um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2006
PERÁN M., TORROJA, P. SALES. P. M. R. Post it cities. Ciudades ocasionales. Madri: SEACEX, 2009
SALES, P.M.R., Pilotes, parangolés & otras meta-territorialidades #1 In: Paraformal: ecologias urbanas ed.Buenos Aires : Bismar Ediciones: CCEBA Apuntes, 2011
SECCHI, B. Primeiralição de urbanismo. São Paulo Editora Perspectiva:2006
SOLÀ-MORALES, M. De cosas urbanas. Barcelona. Editora Gustavo Gili, 2008

ARTIGOS, e SITES

DELEUZE, G. apud PELBART, P. P. Um mundo no qual acreditar, 1995 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/03/mais/22.html> PPP Um mundo no qual acreditar FSP 3/mai/1995
DELEUZE, G. L'Abécédaire de Gilles Deleuze, 1988 <http://www.editionsmontparnasse.fr/>
FR-AGMENTOS de Intensidade. <http://fragmentosdaintensidade.tumblr.com/post/126064059090/filosofia-flores-e-vespas-gilles-deleuze-h%C3%A1>
JACQUES, P. B. “Parangolés de Oiticica/ Favelas de Kawamata,” in Seguindo Fios Soltos: caminhos na pesquisa sobre Hélio Oiticica (org.) Paula Braga, edição especial da Revista do Fórum Permanente (ed.) Martin Grossmann. <http://www.forumpermanente.org>
NIGRIELLO, A. Acessibilidade de um território. FAUUSP, 2012. www.fau.usp.br/.../Terceira_Aula_-_Acessibilidade_de_um_Territorio_Aup_555_2012.pptx
SECCHI, B., VIGANÓ, P. Le Grand Paris: une ville poreuse et une métropole horizontale:territoires <http://www.ateliergrandparis.fr/rdvmetropoleclimat/rendusCS/Studio015bd.pdf>

EQUIPE ESCOLA DA CIDADE

PROFESSORES

Arqº. Pedro M. R. Sales (coordenação)
Arqº. Fábio F. L. Mosaner

ALUNOS ESCOLA DA CIDADE

Beatriz R. S. Dias , 4º ano
Bruna Marchiori Souto, 6º ano
Felipe A. Brunelli, 4º ano
Lucas B. Rodrigues, 4º ano
Marília Serra, 6º ano
Marina D. L. Schiesari, 3º ano
Marina D. Bagnati, 5º ano
Pedro Henrique Norberto, 5º ano
Rebeca D. de Paula, 6º ano
Sabrina S. Sobreiro, 4º ano
Stella B. Tamberlini, 5º ano

CONSULTORES EXTERNOS

urbanismo Arqº. Pedro Vada
etnografia Antr. Me. Yuri B. Tambucci